

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO  
CAMPUS SÃO BERARDO

**ALANNY DAVILLA SILVA AMADOR**

**TURISMO E MEIO AMBIENTE:** Uma análise socioambiental sobre a Lagoa do Bacuri em  
Magalhães de Almeida – MA



São Bernardo – MA  
2021

**ALANNY DAVILLA SILVA AMADOR**

**TURISMO E MEIO AMBIENTE:** Uma análise socioambiental sobre a Lagoa do  
Bacuri em Magalhães de Almeida – MA

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado  
em Turismo da Universidade Federal do  
Maranhão, campus São Bernardo, para obtenção  
do grau de Bacharel em Turismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tatiana Colasante

São Bernardo – MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva Amador, Alanny Davila.

TURISMO E MEIO AMBIENTE: Uma análise socioambiental  
sobre a Lagoa do Bacuri em Magalhães de Almeida MA /  
Alanny Davila Silva Amador. - 2021.

71 f.

Orientador(a): Tatiana Colasante.

Monografia (Graduação) - Curso de Turismo, Universidade  
Federal do Maranhão, São Bernardo - MA, 2021.

1. Espaço rural. 2. Impactos socioambientais. 3.  
Lagoa do Bacuri. 4. Magalhães de Almeida. I. Colasante,  
Tatiana. II. Título.

**ALANNY DAVILLA SILVA AMADOR**

**TURISMO E MEIO AMBIENTE:** Uma análise socioambiental sobre a Lagoa do  
Bacuri em Magalhães de Almeida – MA

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado  
em Turismo da Universidade Federal do  
Maranhão, campus São Bernardo, para obtenção  
do grau de Bacharel em Turismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tatiana Colasante

Aprovada em: \_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana Colasante (Orientadora)**  
Doutora em Geografia (Organização do Espaço)  
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma Karoliny Diniz Carvalho**  
Mestre em Cultura e Turismo  
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma Mayara Maia Ibiapina**  
Mestre em Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

Dedico a minha família, que sempre me apoiou nessa jornada, em especial as “minhas mulheres Damasceno”, que são minha base, a vocês toda gratidão, e a meu pai que não está mais presente em vida, mas em meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Queria agradecer em primeiro lugar a minha família, em especial as mulheres, no qual tenho orgulho de chamá-las de mãe, tias e vó, que nunca me deixaram desistir dos meus sonhos, e principalmente acreditarem em mim, me ajudando como podem, sempre, em vocês, mulheres de garra, é em quem me inspiro...

Ao meu amigo Kleuson Michael que desde muito pequena me incentivou a gostar de leitura, obrigada por aqueles kits de livrinhos.

Aos meus amigos que fiz no curso de Turismo e demais cursos, em especial Samuel, Bernardo, Breno e Harrisson, no qual tive o prazer de estudar 5 longos anos, em meio a tantas coisas que aconteceram, sem eles tenho certeza que teria desistido. Obrigada por tantas vezes sentados no corredor jogando conversa fora ou planejando os trabalhos. Se não fosse por esses momentos não seríamos os “TIRANAS” e “CDA”. Amo vocês!!!

Aos meus professores do curso, Karoliny Diniz, Cíntia Pinheiro e Tatiana Colasante, que foram excelentes profissionais em passar todo seu conhecimento a todos nós.

A minha orientadora Tatiana, que é um ser humano incrível, que sempre soube me entender quando não conseguia fazer nada, além dos puxões de orelha necessário. Obrigada de coração por você ser minha orientadora, escolha melhor não poderia ser.

A minha irmã, Maria, que como eu gosto de chamar, meu anjinho, sempre que me ver desanimada com os trabalhos, me abraça e diz que vai dar tudo certo, que sou “muito inteligente”, é por você que me faço forte todo dia...

Agradeço a todos os envolvidos nesse lindo caminho que tracei na minha vida...

Obrigada de coração a todos vocês!!!

É divina!  
A serenidade da brisa  
A predominância do Verde  
A menina brincando no Pontal  
Carnaubais sem fim  
Garças em revoada tingem de brando o azul  
E tudo se torna mais belo  
Águas que vão e vem  
o lugar onde os momentos são eternos  
Lagoa do Bacuri: onde Deus fez questão de dizer que ele existe.

*Kleuson Michael*

## RESUMO

A Lagoa do Bacuri localizada no município de Magalhães de Almeida - MA vem sofrendo algumas alterações nos últimos anos que resultaram, entre outros aspectos, na alteração da cor da sua água e desaparecimento de algumas plantas e animais nativos, de acordo com relatos de moradores locais. Esse processo coincide com a percepção do aumento do fluxo de visitantes no local, principalmente, em finais de semana e datas comemorativas, atraídos pela beleza natural da lagoa e para a realização de atividades como passeios de lanchas, jet-ski e pesca. O presente estudo tem como objetivo principal, verificar a percepção de três grupos sociais que atuam diretamente no local: comunidade, empresários e turistas/visitantes, com intuito de identificar as diferentes visões sobre os impactos socioambientais que ocorrem na Lagoa e, com isso, propor ações que podem contribuir para um desenvolvimento mais sustentável no local. A pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando-se observação participante e entrevistas. Para o embasamento teórico, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre impactos ambientais, sustentabilidade e turismo com SÁNCHEZ (2008), BARRETO (1995), ANDRADE e (1992), MTur (2010), entre outros autores, além de pesquisa sobre a área de estudo, a comunidade do Bacuri no município de Magalhães de Almeida – MA e os atrativos turísticos existentes com autores como SILVA (2013) e PORTUGAL (2019). A análise dos dados foi feita a partir de categorias temáticas, proposta por GIBBS (2020). Como resultado, verificou-se que os três grupos entrevistados possuem visões distintas acerca da percepção sobre os impactos ambientais na lagoa. No entanto, todos sinalizaram como positivas ações que possam contribuir para a melhoria das condições ambientais do local. Dessa forma, reitera-se a necessidade de estudos técnicos realizados pela prefeitura para verificar as possíveis causas das alterações na dinâmica natural da lagoa, ao mesmo tempo em que se sugere a oferta de oficinas que despertem a atenção para a problemática ambiental de forma a contribuir para que os grupos atuantes no local possam ter condutas mais responsáveis com o meio ambiente.

**Palavras-chaves:** Lagoa do Bacuri; Impactos socioambientais; Magalhães de Almeida; Espaço rural.



## ABSTRACT

The Lagoa do Bacuri located in the municipality of Magalhães de Almeida-MA has undergone some changes in recent years that have resulted, among other things, in the change in the color of its water and the disappearance of some native plants and animals, according to reports from local residents . This process coincides with the perception of an increase in the flow of visitors to the site, especially on weekends and commemorative dates, attracted by the natural beauty of the lagoon and for activities such as boat rides, jet-skiing and fishing. The main objective of this study is to verify the perception of three social groups that work directly on the site: community, business people and tourists/visitors, in order to identify the different views on the socio-environmental impacts that occur in Lagoa and, therefore, propose actions that can contribute to a more sustainable development in the place. The research is qualitative, using participant observation and interviews. For the theoretical basis, a literature review on environmental impacts, sustainability and tourism was carried out with SÁNCHEZ (2008), BARRETO (1995), ANDRADE and (1992), MTur (2010), among other authors, as well as research on the area of study, the Bacuri community in the municipality of Magalhaes de Almeida – MA and the existing tourist attractions with authors such as SILVA (2013) and PORTUGAL (2019). Data analysis was performed from thematic categories, proposed by GIBBS (2020). As a result, it was found that the three groups interviewed have different views about the perception of environmental impacts in lagoa. However, all indicated as positive actions that can contribute to the improvement of the environmental conditions of the place. Thus, the need for technical studies carried out by the city hall is reiterated to verify the possible causes of changes in the natural dynamics of the lagoa, while it is suggested to offer workshops that draw attention to the environmental issue in order to contribute so that the groups operating at the site can behave more responsibly with the environment.

**Keywords:** Lagoa do Bacuri; Social and environmental impacts; Magalhães de Almeida; rural área.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Tipos de UC e classificação.....	22
<b>Figura 2:</b> Atividades turística no espaço rural.....	24
<b>Figura 3:</b> Mapa de Magalhães de Almeida.....	33
<b>Figura 4:</b> Plantação de soja em 2013.....	35
<b>Figura 5:</b> Plantação de soja em 2020.....	36
<b>Figura 6:</b> Localização da Lagoa do Bacuri.....	38
<b>Figura 7:</b> Levantamento do mastro do festejo de São Sebastião.....	39
<b>Figura 8:</b> Celebração do festejo de Santo Antônio.....	40
<b>Figura 9:</b> Imagem da Nossa Senhora Mãe do Divino Salvador .....	40
<b>Figura 10:</b> Entrada do 23° Arraial Nossa Gente.....	41
<b>Figura 11:</b> Apresentação cultural no Arraial Nossa Gente.....	41
<b>Figura 12:</b> Entrada do Balneário Ferias.....	42
<b>Figura 13:</b> Área de lazer do balneário .....	42
<b>Figura 14:</b> Frente do bar e restaurante.....	43
<b>Figura 15:</b> Fachada do Bar .....	44
<b>Figura 16:</b> Redes dentro d'água.....	44
<b>Figura 17:</b> Turistas de Magalhães de Almeida - MA.....	45
<b>Figura 18:</b> Localização do povoado Bacuri.....	47
<b>Figura 19:</b> Lixo deixado pelos visitantes.....	54
<b>Figura 20:</b> Lixeira no local .....	54

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Perfil dos moradores da comunidade Bacuri .....	48
<b>Quadro 2:</b> Percepção ambiental da comunidade .....	49
<b>Quadro 3:</b> Perfil dos visitantes da Lagoa do Bacuri.....	52
<b>Quadro 4:</b> Motivação dos visitantes.....	53
<b>Quadro 5:</b> Percepção ambiental dos visitantes da Lagoa do Bacuri .....	53

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 TURISMO E MEIO AMBIENTE.....	16
2.1. UMA RELAÇÃO INTERDEPENDENTE ENTRE O TURISMO E MEIO AMBIENTE.....	16
2.2. TURISMO EM ESPAÇOS RURAIS: possibilidades para um turismo sustentável .....	20
2.3. IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DO TURISMO.....	25
2.4. A CAPACIDADE DE CARGA E A POSSIBILIDADE DE MINIMIZAR OS IMPACTOS NA ATIVIDADE TURÍSTICA .....	27
3 CARACTERIZAÇÃO DE MAGALHÃES DE ALMEIDA.....	32
3.1. ASPECTOS HISTÓRICOS.....	32
3.2. MEIO AMBIENTE E TURISMO EM MAGALHÃES DE ALMEIDA.....	34
3.2.1. Aspectos físicos .....	34
3.2.2. Atrativos culturais e naturais .....	39
4 COMUNIDADE DO BACURI .....	46
4.1. IMPACTOS AMBIENTAIS NO LOCAL .....	46
4.2. PROPOSTA DE CURSOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
REFERÊNCIAS .....	63
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COMUNIDADE .....	66
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO TURISTAS/VISITANTES .....	68
APÊNDICE C - QUESTIONARIO EMPREENDEDORES .....	70

## 1 INTRODUÇÃO

A Lagoa do Bacuri vem sofrendo algumas alterações nos últimos anos que resultaram, entre outros aspectos, na alteração da cor da água e desaparecimento de algumas plantas e animais nativas, segundo relatos de moradores locais. Esse processo coincide com a percepção do aumento do fluxo de visitantes no local, principalmente, nos finais de semana e em datas comemorativas, como no período de Natal e Semana Santa, atraídos pela beleza natural da lagoa e atividades como passeios de lanchas e jet ski e pesca.

Anteriormente, o local era frequentado apenas por pessoas da região que já conheciam a lagoa. No entanto, hoje se observam pessoas vindas de vários municípios que souberam da existência desse atrativo por redes sociais. Com o aumento da demanda de turistas, houve a necessidade de se ter um local com estrutura no qual as pessoas pudessem comer e beber. Por isso, na atualidade, existem bares e restaurantes na beira da lagoa. Porém, a construção e atuação desses empreendimentos não obedecem aos princípios da sustentabilidade, o que prejudica ainda mais as condições ambientais da lagoa.

Quando se pensa no turismo, é necessário que haja um planejamento das ações, principalmente, quando se envolvem ecossistemas frágeis, de modo a garantir a vida das espécies nativas da região da lagoa, principalmente dos peixes.

A Lagoa do Bacuri possui grande potencial para o desenvolvimento de vários segmentos do turismo, como o turismo de aventura, ecoturismo, que são segmentos que mantem maior contato com a natureza, liberando assim no homem o instinto natural de viver e aproveitar tanto o turismo como a própria natureza, que é o caso na lagoa, com a evolução mesmo que pequena na área, há a prática desses segmentos ali, como a pesca por esporte, banho, e prática de esportes como vôlei e futebol.

Diante da problemática, o objetivo principal é verificar a percepção de três grupos sociais que atuam diretamente no local: moradores, empresários e turistas/visitantes de modo a identificar as diferentes formas de percepção dos impactos socioambientais que ocorrem na lagoa, auxiliando assim em ações propositivas para o desenvolvimento sustentável local. Destaca-se que no desenvolvimento do turismo, sempre existem agentes que se beneficiam da atividade, mas por outro lado, caso não haja um planejamento, os impactos poderão ser inúmeros, principalmente para os moradores locais.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é de caráter qualitativo, com foco em identificar através de entrevistas com moradores e observação, os impactos ambientais na

comunidade do Bacuri. No primeiro momento foi realizada uma revisão bibliográfica sobre impactos ambientais, sustentabilidade e turismo e pesquisa documental sobre a área de estudo, comunidade do Bacuri em Magalhaes de Almeida- MA, com o objetivo de fazer um levantamento sobre dados e fotos de como era e como está a lagoa.

Em seguida, ocorreu a observação participante do fenômeno, que é a transformação ambiental na comunidade, já que de acordo com Mann (1970, p. 96, apud MARCONI E LAKATOS, 2011, p. 279), a observação participante é uma tentativa de colocar observador e observado do mesmo lado, tornando-os de um mesmo grupo, de modo que possa vivenciar o que eles vivem e trabalhar dentro do sistema de referência deles. Os procedimentos da pesquisa foram de forma direta com os moradores, empreendedores e turistas da comunidade, no qual foi feita entrevista semiestruturada, pois a entrevista consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação, conforme Goode e Hatt (1969, p. 237).

Após a aplicação, as entrevistas foram analisadas, compreendidas e comparadas com as observações realizadas, assim chegando nos resultados para propor uma estratégia para a diminuição dos impactos ambientais na comunidade.

A primeira visitação técnica à comunidade foi feita na data de 11/10/2020, para uma observação do local, com registros de fotos<sup>1</sup>. As entrevistas foram realizadas no dia 03/01/2021, no período da tarde. Primeiramente a comunidade foi abordada, pois, por serem moradores, os mesmos tem uma visão mais ampla do antes e depois desses impactos na comunidade, mantendo o distanciamento social, houve uma breve conversa, no qual pôde se ter informações importantes que não foram observadas na visita técnica. Em seguida, foram abordados os turistas/visitantes no restaurante local, apesar de estarem em seu momento de lazer, foram muito solícitos em relação a responder algumas perguntas. Por último foi a entrevista com Antônio dono do restaurante. Em todas as entrevistas se manteve o distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel.

Para análise e discussão dos resultados da pesquisa, a monografia foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, buscou-se analisar discussão sobre impactos ambiental e sustentabilidade com os autores SÁNCHEZ (2008), discussão sobre turismo com BARRETO (1995) e ANDRADE, (1992) e os segmentos de ecoturismo, turismo rural e de aventura MTur (2010), unidades de conservação com MMA (2020) e capacidade de carga com

---

<sup>1</sup> Apesar de vivermos uma pandemia desde o início de 2020 que nos obriga a manter o distanciamento social e uso de máscara, a visitação foi feita presencialmente, pois a pesquisadora estava passando um período na casa de parentes próxima a comunidade, o que facilitou a pesquisa, mas, a mesma manteve todos os cuidados necessários.

KRIPPENDORF (2000), FERRETTI (2002) e SWARBROOKE (2002) entre outros autores, afim de entender como o turismo deve ser planejado para que não cause impactos as comunidades receptoras. No segundo capítulo, foi abordada discussão sobre o município de Magalhães de Almeida – MA, contexto histórico e social e localização, além de identificar atrativos turísticos e culturais, como potencial para desenvolver o turismo na região e aspectos físicos com autores como SILVA (2013) e PORTUGAL (2019). No terceiro capítulo, foi trabalhado a discussão sobre os impactos socioambientais na Lagoa do Bacuri a partir da aplicação e análise dos questionários aplicados, a fim de propor cursos de educação ambiental e atendimento ao cliente, que beneficie a todos da comunidade e turistas.

## 2 TURISMO E MEIO AMBIENTE

A relação entre homem e natureza não se dá apenas no âmbito biológico, mas também em níveis culturais e psicológicos. De acordo com o site Gazeta Digital (2016), o físico austríaco Frijot Capra, afirmava que a natureza é tão complexa que denomina a teia da vida. Várias concepções foram criadas pelo homem ao longo da história, começando com uma visão de que a natureza era algo sagrado, os fenômenos naturais eram por algumas pessoas adorados, e temidos por outros, uma época que não tinha quase nada de conhecimento científico.

A partir da descoberta da agricultura e da pecuária por volta do século VI a V a.C. os homens começaram a perceber que esses fenômenos não eram sagrados, surgindo então uma relação diferente entre o homem e meio ambiente, contemplando a natureza e refletindo sobre ela. Tendo uma visão mais interrogativa com tudo que ela abordava, como os seres vivos, inclusive nós seres humanos. Levando sempre a uma reflexão mais profunda, desenvolvimento da ciência e tecnologia, já no século XX o ser humano passa a se colocar como superior ao meio ambiente, com o sistema capitalista, passa a explorar os recursos naturais, acarretando em muitos impactos negativos, como a degradação do solo, poluição da água e ar, e vários fatores.

### 2.1. UMA RELAÇÃO INTERDEPENDENTE ENTRE O TURISMO E MEIO AMBIENTE

A origem da palavra turismo vem do vocabulário *tour* que é de origem francesa e significa “volta” (BARRETO, 1995). Outra afirmação diz que a matriz do radical *tour* é do latim, através do seu substantivo *tourns*, do verbo *tornare*, cujo significado é “giro, volta, viagem ou movimento de sair e retornar ao local de partida” (ANDRADE, 1992, p. 43).

Embora existam várias concepções sobre o que é o turismo, a Organização Mundial do Turismo (OMT) concebe como “as atividades em que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros”. Dessa forma, com esses primeiros conceitos entende-se que o turismo é um deslocamento temporário com retorno ao local de partida.



Do ponto de vista histórico, o turismo de fato só veio se concretizar no período moderno, com a Revolução Industrial na segunda metade do século XVIII, consolidando o processo de formação do capitalismo, transformando a economia mundial, assim como no estilo de vida das pessoas. Com as grandes produções de carros e tecidos na época, os empresários começaram a implementar a tecnologia em suas fabricas; com jornadas de até 14 horas por dia, ocasionando então a luta dos operários por horas de folga para poder aproveitar em família o seu momento ócio.

A relação entre turismo e meio ambiente tende a se unir à medida que há conservação de áreas naturais, vida selvagem, preservação de sítios, monumentos arqueológicos e históricos são oferecidos à demanda diante dos fluxos turísticos, como apontam Lage e Milone (2000). Sendo assim, o turismo só se desenvolve se mantiver a localidade com seus aspectos naturais, culturais e históricos preservados, pois isso acaba sendo a identidade da população. Mas, na prática muitas vezes não se é desenvolvida da forma correta, e essa relação se torna um grande conflito, pois os impactos decorrentes da atividade turística desenvolvida podem ser sentidos pela população local, como a derrubada de uma área de mata para a construção de um hotel, ou um parque aquático.

Para a população isso não é um efeito bom, já que pode alterar o microclima, contribuir para o deslizamento de terra ou assoreamento dos corpos hídricos. Além disso, nesse processo também podem ser retiradas dali plantas medicinais ou aquelas que contribuem para o desenvolvimento das comunidades tradicionais como seringueiras, babaçus, nativas da sua região, mas que para a atividade turística é algo benéfico, pois está oferecendo aos turistas um melhor conforto.

Porém, cada vez mais são criadas leis mais severas de conservação, que auxiliam no desenvolvimento da atividade turística, pois a conservação de um local e a conscientização da população está junto à atividade turística, quando uma cidade histórica que antes não se preocupava com a preservação e conservação de sua cultura, história e natureza, tem seu espaço procurado cada vez mais por turistas, resultando em um desenvolvimento da melhoria destes atrativos, uma vez que os turistas buscam conhecer lugares que remetem à histórias antigas e diferentes culturas, além de gerar emprego e renda aos moradores locais. Mas, na pratica, será se isso realmente acontece?

O turismo de massa é considerado ruim para esses destinos turísticos, pois muda a vida dos moradores, que não suportam a chegada de muitas pessoas, diminuindo a hospitalidade, além de aumentar o custo de vida nesses destinos, degradando os locais. Cidades como Barcelona (Espanha), Mumbai (Índia), Amsterdam (Holanda), Veneza (Itália) e

Hanói (Vietnam), são vítimas do turismo de massa, não importa a época do ano, essas cidades vão estar sempre cheias de turistas.

Não muito longe da nossa realidade, está Jericoacoara – CE, o ano todo, turistas de todas as partes do mundo lotam a pequena vila e suas praias, é impossível que esse turismo de massa não leve danos ao local, perda das matas nativas, êxodo de moradores locais, que vendem suas casas para dar lugar à hotéis e restaurantes. Um estudo recente do site Diário do Nordeste em 2019, afirma que

Na década de 1980, a Duna do Pôr do Sol, que já foi considerada uma das mais charmosas e altas do Ceara, tinha cerca de 60 metros. Hoje, essa altura está reduzida à metade. Até mesmo quem só viu o famoso cartão postal através de fotos, identifica: a duna está sendo degradada e vem diminuindo ano a ano, (Diário do Nordeste, 2019).

Em uma perspectiva conceitual, é necessário diferenciar o que se entende por meio ambiente e ambiente. O que se entende sobre ambiente é amplo, porque pode incluir tanto a natureza como a sociedade e multifacetado porque é apreendido sob diferentes pontos de vista.

Pode se entender que ambiente, por um lado, é onde a sociedade extrai os recursos essenciais à sobrevivência e os recursos demandados pelo processo de desenvolvimento socioeconômico, denominados de recursos naturais. Já por outro lado, ambiente é também o meio de vida, no qual a integridade depende da manutenção de funções ecológicas essenciais, fornecendo recursos físicos, como afirma Sánchez (2008).

Já no art. 3º da Lei Federal nº6.938, de 31 de agosto de 1981, da legislação brasileira, existe a menção ao meio ambiente, entendido como “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. O conceito apresentado pela Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA) é bem amplo. Quando se fala em “interações”, pode-se pensar nas alterações provocadas pelo ser humano. O fato é que este conceito tem o foco na vida, como não poderia deixar de ser, já que o objetivo da lei é a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia a vida.

A partir da década de 1970, as preocupações com o desenvolvimento econômico, a degradação do meio ambiente e as questões sociais alcançaram a atividade turística, tanto nos setores acadêmicos, quanto na das organizações civis, revelando a necessidade de conservação do meio ambiente por meio de técnicas sustentáveis. Em 1972 houve a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, realizado em Estocolmo (MTur, 2010), representando um marco muito importante em relação à preocupação com o

meio ambiente, reunindo 113 países para a discussão dos problemas ambientais e da relação entre desenvolvimento e meio ambiente.

Nas décadas de 1980 e 1990 seguintes, havia um clima propício para se discutir alternativas ambientais, buscando conduzir o desenvolvimento com a conservação ambiental. Lugares, como praias, estavam se tornando muito massificados com a procura constante de pessoas em momentos de folga, como forma de descansar da rotina estressante, e pela busca do restabelecimento físico e emocional. Dessa forma, muitos turistas passaram a buscar lugares remotos, de natureza conservada, paisagens bucólicas entrelaçadas com a cultura, conhecida hoje como a prática do ecoturismo e do turismo rural.

Nessa discussão, também entra o Desenvolvimento Sustentável que é confundido muitas vezes com o crescimento econômico, porém, são duas coisas diferentes, mas que andam juntos por levarem em conta o meio ambiente. O desenvolvimento econômico depende do consumo crescente de energia e recursos naturais, que na maioria das vezes tende a ser insustentável, levando ao esgotamento dos recursos naturais dos quais a humanidade depende.

O desenvolvimento sustentável por sua vez, sugere a qualidade em vez de quantidade, redução de uso de matérias-primas e produtos e o aumento da reutilização e reciclagem. Esse conceito procura harmonizar os objetivos de desenvolvimento econômico, social e conservação ambiental.

Ainda na década de 1980, desenvolveram os primeiros cursos de guia de turismo especializados, mas, só na década seguinte, com a Conferência das Nações Unidas para o meio ambiente – ECO 92, realizada em 1992 no Rio de Janeiro – RJ, que esse tipo de turismo se tornou conhecido e incentivou um mercado com tendência de franco crescimento, “propondo diretrizes e tratados com aplicação de âmbito mundial, a partir da aceitação ou consagração de cada nação”, (MTur, 2010, p. 14).

Um dos resultados desse evento, que foi a Agenda 21, que pode ser interpretada como “um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em muitas bases geográficas, que concilia métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica”, (MTur, 2010, p. 14). A Agenda 21 ainda aponta o Ecoturismo como uma boa prática, responsável com a natureza e com o desenvolvimento local, pois, se preocupa a mesma medida com a população local.

Da Agenda 21 Global, emana a Agenda 21 Brasileira, envolvendo sociedade civil e o setor público por meio de um processo participativo, organizado em seis áreas temáticas que abordam a atividade turística: agricultura sustentável; cidades sustentáveis; infraestrutura e integração regional; gestão de recursos naturais; redução das desigualdades sociais; e

ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável. E como resultado da implantação da Agenda 21 Brasileira, a construção da Agenda 21 Locais, colaborando para expandir a cultura da sustentabilidade no País.

## 2.2. TURISMO EM ESPAÇOS RURAIS: possibilidades para um turismo sustentável

Com a vasta valorização do meio ambiente por meio da atividade turística, surgiram muitos segmentos de turismo. Para o Ministério do Turismo (2010, p. 03), “a segmentação é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado”. Desse modo, os gestores conseguem identificar quais os segmentos existentes em sua região, e como deve trabalhar para uma melhor qualidade dos serviços prestados. Um dos segmentos que está muito ligado ao meio ambiente é o ecoturismo, promovendo debates sobre a necessidade de conservação do meio ambiente por meio de técnicas sustentáveis para alcançar a atividade turística.

Como afirma ainda o Ministério do Turismo (2010, p. 11), “no decorrer dos anos, a atividade vem se desenvolvendo e ganhando forças em meio à discussão de um modelo de turismo mais responsável. Foi então que se iniciou uma nova maneira de usufruir as paisagens naturais e rurais, favorecendo assim discussões em torno desta nova forma de vivenciar os espaços naturais. Até mesmo as áreas protegidas começaram a se popularizar, apesar de que na maioria das vezes fosse de caráter científico como estudos e pesquisas, mas, desempenhando um papel importantíssimo neste processo.

No Brasil, os primeiros estudos sobre Ecoturismo remetem à década de 1980. Em 1985 a EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) deu início ao “Projeto Turismo Ecológico”, criando dois anos depois a Comissão Técnica Nacional constituída conjuntamente com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), primeira iniciativa direcionada a ordenar o segmento (MTur, 2010, p. 14).

O Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério do Meio Ambiente em parceria com a EMBRATUR e o IBAMA, lançaram em 1994 um documento “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo” que continha estratégias e ações para possibilitar o desenvolvimento deste segmento em áreas naturais com elevados índices de biodiversidade e pressões antrópicas de degradação ambiental.

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (MTur, 2010, p. 17).

O objetivo maior representa o desenvolvimento da atividade ecoturística de forma organizada e planejada, apresentando estratégias para as seguintes ações: regulamentação do ecoturismo; formação e capacitação de recursos humanos; controle de qualidade desses produtos; implantação e adequação de infraestrutura; conscientização de turistas e comunidade. Profissionais de instituições públicas, privadas, de ensino do turismo e meio ambiente, foram de grande ajuda para a elaboração dessas estratégias.

As políticas públicas de turismo no Brasil se guiam pelos princípios da sustentabilidade, fundamentadas na Constituição Brasileira, que guarda a todos o direito ao meio ambiente, estabelecendo ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo as futuras gerações, (MTur, 2010). Recomenda, também ao poder público, a responsabilidade de estabelecer instrumentos legais para a proteção e conservação dos recursos naturais e o seu uso consciente.

Por apresentar sua base de desenvolvimento na sustentabilidade, o ecoturismo enfatiza a importância do processo de planejamento participativo, em que todos os atores, poder público e privado e comunidade, tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento local e regional, com a instalação de equipamentos e programas de qualificação profissional para ambas as partes.

Os princípios e os critérios para o desenvolvimento deste segmento devem considerar a gestão socioambiental dos recursos naturais, para maximizar os impactos positivos do ecoturismo e minimizar os impactos negativos na esfera ambiental, social e econômica, em especial aos que são referentes aos sítios turísticos naturais no Brasil, que estão também relacionados às Unidades de Conservação que permitem a visitação pública.

As Unidades de Conservação (UC) são:

Espaços territoriais, incluindo seus recursos ambientais, com características naturais relevantes, que têm a função de assegurar a representatividade de amostras significativas e ecologicamente viáveis das diferentes populações, habitats e ecossistemas do território nacional e das águas jurisdicionais, preservando o patrimônio biológico existente (MMA, 2020).

As UC garantem as populações tradicionais o uso sustentável dos recursos naturais de forma responsável e ainda garantem às comunidades adjacentes o desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis. Estas áreas estão sujeitas a normas e regras especiais. São criadas legalmente pelos governos federal, estaduais e municipais, após a realização de estudos técnicos que comprovem a necessidade de conservação e preservação.

As UC estão divididas em dois grupos: Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável (figura 01). As Unidades de Proteção Integral é quando a proteção da

natureza é o principal objetivo da unidade, com regras mais restritivas. É permitido apenas uso indireto dos recursos naturais, como recreação em contato com a natureza, pesquisa científica sem coleta ou danos. As Unidades de Uso Sustentável são áreas que visam conciliar a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais. Esse tipo de UC são floresta nacional, reserva extrativista, área de proteção ambiental (APA), reserva de desenvolvimento sustentável, reserva particular do patrimônio natural (RPPN), área de relevante interesse ecológico e reserva de fauna (MMA, 2020). Que garantem que seu uso terá continuidade, como por exemplo, um novo plantio.

**Figura 1:** Tipos de UC e classificação



**Fonte:** Flavia Figueiredo (2013).

As UC são locais privilegiados para a prática do ecoturismo, pois, seus atrativos estão atrelados à conservação e preservação ambiental. Desse modo, existe um fluxo muito grande nessas áreas por turistas denominadas “ecoturistas”, preocupados com a causa ambiental e que buscam experiências únicas que conservem os recursos ambientais, históricos

e culturais, e que também envolvam a comunidade, contribuindo para aumentar as expectativas de esta atividade está de fato levando o desenvolvimento sustentável para as localidades.

Os ecoturistas visitam as localidades com o objetivo de interagir com o ambiente, a comunidade, em busca de algo mais tranquilo, mais simples, vivenciar o natural da localidade, aumentando a satisfação e possibilitando a divulgação e retorno deste turista ao destino ecoturístico. Esse tipo de consumidor, de modo geral, “importa-se com a qualidade dos serviços e equipamentos, com a singularidade e autenticidade da experiência e com o estado de conservação do ambiente” como afirma o MTur (2010, p. 37).

Com base nesses dados, podemos perceber que atualmente a prática do ecoturismo é feita na maioria das vezes por mulheres e por pessoas que possuem um poder aquisitivo, no entanto, em relação aos dados anteriores do MTur, em 2010 jovens entre 18 e 29 anos exerciam a prática do ecoturismo, já nos dados atuais apontam pessoas muito mais jovens até idosos, ou seja, uma prática que antes era feita exclusivamente por jovens, hoje em dia o ecoturismo está atingindo toda a população.

Outro segmento bastante praticado por ter um contato maior com a questão ambiental, é o turismo rural. Ao mesmo tempo em que a sociedade vem descobrindo a importância ambiental e o valor estratégico de manutenção da paisagem, passa a tratar os rios, fauna e flora como elementos essenciais para o ser humano.

Com a intensificação da globalização e modernização da agricultura, as atividades agropecuárias vêm encarando alguns problemas, como degradação das formas tradicionais de produção e uma constante desvalorização em relação a outras atividades, levando à busca por novas fontes de renda que gerem a dinamização econômica dos territórios rurais.

Com a intensificação da globalização e modernização da agricultura, as atividades agropecuárias vêm encarando alguns problemas, como degradação das formas tradicionais de produção e uma constante desvalorização em relação a outras atividades, levando à busca por novas fontes de renda que gerem a dinamização econômica dos territórios rurais, como aponta o Ministério do Turismo (2010).

Nos dias de hoje, é grande a quantidade de propriedades rurais que introduzem atividades turísticas em suas rotinas. Cada vez mais, os turistas buscam por lugares onde a paisagem tenha características naturais e culturais próprias, onde os residentes possuam um estilo de vida diferente de quem o visita. O espaço rural é geralmente associado pela

população urbana à qualidade de vida, representando para o turista uma oportunidade de contato com paisagens, experiências e modos de vida distintos nos centros urbanos.

O Turismo Rural possibilita a geração de uma renda adicional para as comunidades locais, e pode ainda contribuir para a revitalização econômica e social das regiões, a valorização dos patrimônios e produtos locais, a conservação do meio ambiente, a atração de investimentos públicos e privados em infraestrutura para os locais onde se desenvolve.

Do ponto de vista estrutural, o espaço rural pode abranger inúmeras atividades turísticas (Figura 02), como o ecoturismo, turismo de aventura, turismo rural, o agroturismo e o turismo rural na agricultura familiar (TRAF). Para o Ministério do Turismo (2010), o turismo no espaço rural pode ser compreendido como aquelas atividades que são realizadas em meio não urbano, com finalidade de ofertar atividades de lazer.

**Figura 2:** Atividades turística no espaço rural



**Fonte:** Ministério do Turismo (2010).

O turismo rural está relacionado com atividades que se voltam para à produção agropecuária de forma a agregar valor a produtos e serviços que refletem a ruralidade. O agroturismo tem como características propriedades que geram ocupações complementares às atividades agrícolas. Já a TRAF é desenvolvida por agricultores familiares, conforme especifica o Ministério do Turismo (2010).

Com o crescimento populacional nas grandes cidades, há uma maior necessidade de buscar locais que denotam paz e tranquilidade. Nesse sentido, os espaços rurais tornam-se atrativos, sobretudo, em período de pandemia quando se privilegiam atividades que possam ser realizadas ao ar livre, como trilhas, caminhadas e passeios de barco.



### 2.3. IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DO TURISMO

De acordo com o Dicionário Informal (2014), impacto é o “ato ou efeito de embater ou de impactar. Efeito de uma ação. Metido à força”. No sentido figurado significa perturbação, que produz efeito forte em algo, um certo abalo. Essas definições não ficam longe do que é impacto ambiental.

Impacto ambiental são alterações no ambiente causadas pelo desenvolvimento das atividades humanas no espaço geográfico. Nesse sentido, podem ser tanto positivos, resultando em melhorias para o ambiente, quanto negativos, causando alterações e riscos para o ser humano ou para os recursos naturais. Apesar de ter essas duas classificações, o termo impacto ambiental é mais usado para mencionar aspectos negativos.

Entende-se que o turismo tem um papel importante no campo econômico, cultural e na troca social. Por este motivo é de suma importância conhecer as percepções e atitudes dos residentes em localidades turísticas acerca dos impactos que o turismo gera em seus lugares de morada.

Ao longo de toda história registrada, de certa forma o Turismo teve um impacto sobre tudo e todos os que estiverem em contato com ele. No plano inicial, esses impactos deveriam ter sido positivos, no tocante aos benefícios para áreas de destino e seus residentes. Esses impactos positivos deveriam levar ao local resultados como melhorias nas condições econômicas, uma promoção social e cultural e a proteção dos recursos ambientais. Teoricamente, os benefícios do Turismo deveriam produzir ganhos muito superiores aos seus custos, segundo Theobald (apud Dall’Agnol, 2012, p. 02).

No entanto, o que na teoria tende a funcionar perfeitamente, na prática pode apresentar limitações. Os impactos negativos muitas vezes superam os positivos. Segundo Ruschman (2000, p. 34), os impactos “são consequência de um processo complexo de interação entre os turistas, as comunidades e os meios receptores. Muitas vezes, tipos similares de Turismo provocam diferentes impactos, conforme a natureza das sociedades nas quais ocorrem”. Podendo ser estes, negativos ou positivos. Negativos os que causam estragos para a localidade e sua população e considerados positivos os que trazem benefícios como emprego a população.

No turismo os impactos “referem-se à uma gama de modificações ou sequência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras” Ruschann (apud Dall’Agnol, 2012, p. 03). Esses impactos são provocados por muitas

variáveis, natureza, intensidade, magnitudes diversas, que possuem resultados que geralmente são irreversíveis quando ocorrem no meio ambiente natural.

Boullón (apud FERRETI, 2002, p. 51), afirma que muitas ações provocam impactos no ambiente, e os definiu da seguinte forma: a riqueza; a administração pública; a população local e a pobreza.

Quando ele coloca em primeiro lugar a riqueza, afirma que só os grandes empresários é que são beneficiados pelos efeitos positivos gerados; em segundo vem a administração pública, que mantém um descanso sobre a população e suas necessidades (saneamento, educação, saúde), aprovam projetos que os beneficia economicamente em acordo com as grandes empresas, deixando de lado a população que precisa ser amparada; se os gestores não têm o devido cuidado com seu povo, então a população não vê a atividade turística como algo que possa trazer benefícios; por último a pobreza, moradores marginalizados, sem uma oportunidade de emprego, sem um mínimo de infraestrutura local.

Sabe-se que é impossível desenvolver alguma atividade no ambiente sem degradá-lo, a solução é planejar a atividade de maneira que minimize os efeitos negativos do ambiente. Até agora o uso dos recursos naturais foi de exploração e dominação. Quando se enfrenta riscos sobre a potencialidade dos recursos naturais, torna-se necessário repensar certas decisões.

Quando o turismo se instala em uma região/localidade, é impossível não se ter os impactos juntamente ao desenvolvimento. Muitos dos impactos negativos se tornam reversíveis quando detectados no início, assim levando a ações e estratégias para minimizar seu efeito, e alguns irreversíveis quando não recebem a devida atenção, pode ser difícil uma reversão do problema. Isso contribui para que as comunidades receptoras tenham uma certa desconfiança, porque geralmente não participam das decisões tomadas sobre o planejamento e a utilização das áreas naturais, gerando um desconforto em conviver com turistas em suas comunidades.

Conforme explica Krippendorf (2000, p. 19)

Os habitantes das regiões visitadas começam a sentir também um certo rancor em relação aos efeitos negativos do êxodo das massas turísticas. Essas populações têm cada vez mais a impressão de que são invadidas por esse desenvolvimento e, ao mesmo tempo, dele excluídas.

Por esse motivo a opinião dos autóctones é algo essencial, fazendo que a satisfação da comunidade se eleve, tornando a experiência e hospitalidade do turista em algo único e incrível. Para a Organização Mundial do Turismo (2003) a atividade turística gera

uma série de efeitos negativos e positivos de diversos grau sobre o desenvolvimento social e cultura.

Impactos positivos dentro do desenvolvimento cultural, o turismo contribui para a preservação e conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural; gera uma atividade socioeconômica, criando empregos; facilita os laços de comunicação, diminuindo os problemas raciais ou de xenofobia; conservação das áreas naturais; elevação dos níveis profissionais; investimentos estrangeiros; aumento do consumo pelos produtos locais desde hortícolas frutíferas até artesanato; melhoria da qualidade de vida da comunidade local (infraestrutura, saúde, educação, moradia), de acordo com dados da OMT (2003). No aspecto ambiental são a conservação e preservação dos locais receptores, além de incentivar o uso e consumo sustentável dos recursos naturais.

Já no aspecto negativo são os efeitos de aculturação e imitação: produz trocas nos gostos e hábitos de cultura da comunidade receptora, ao estar exposta aos hábitos dos turistas; modificação da sociologia rural e urbana ao receber de forma regular correntes turísticas massivas; instabilidade do mercado receptor por motivos políticos e sociais; prejuízos e barreiras sociais por intolerância, indiferença, xenofobia, racismo; problemas com a gastronomia (agua potável); sazonalidade turística, inflação e especulação imobiliária; dependência excessiva de capital investidor estrangeiro; grande parte das divisas sai do país (multinacionais); dependência excessiva do turismo; degradação do solo (OMT, 2003).

Como já mencionado, alguns destes impactos negativos podem ou não serem evitados e/ou tratados quando se tem uma gestão que foca não somente no lucro que a atividade trará, mas, também no bem estar da população. Já que os órgãos do setor público tendem a desenvolver estratégias de turismo para as destinações turísticas, mas são as organizações privadas que são responsáveis pela maior parte dos produtos turísticos que são vendidos aos turistas, focam assim, somente no lucro que iram ter, sem desenvolver estratégias que diminua os impactos causados a população local.

#### 2.4. A CAPACIDADE DE CARGA E A POSSIBILIDADE DE MINIMIZAR OS IMPACTOS NA ATIVIDADE TURÍSTICA

Como afirma Ferretti (2002), são recentes as discussões sobre as questões ambientais, assim, muitos projetos apresentavam características da sustentabilidade, uma atitude revolucionaria, pois compreendia a estreita vinculação e integração do homem com o

meio ambiente. As metas eram produzir cada vez mais, em sintonia com o ambiente, tirar somente o que precisava e aproveitar a beleza natural, sem danificá-lo.

Alguns projetos turísticos estão predestinados ao fracasso, visto que, vendem uma ideia de um lugar paradisíaco, mas que já estão ameaçados em função de má administração, em não tratarem o meio ambiente, um exemplo claro disso, é a praia Litorânea em São Luís – MA, é vendida com a ideia de um lugar encantador, livre para banho, mas na realidade, é altamente poluída pelos resíduos despejados pelas moradias e hotéis. Neste caso, o fator negativo não foi gerado pelo turismo, e sim pelo descaso público e falta de planejamento.

Os rios, praias, arrecifes, mangues são um exemplo de ecossistemas com grande importância para o turismo, no entanto, na maioria das vezes não recebem a devida atenção dentro dos planejamentos turísticos, não respeitando sua diversidade, não contemplam a interdependência entre si, não calculam a capacidade de carga, não avaliam a localização da infraestrutura, acarretando sobrecarga ao ambiente.

A especulação imobiliária é outro fator negativo, uma área descoberta pelo turismo, atrairá infraestrutura e equipamentos necessários, assim lentamente a população irá crescer, aumentando o fluxo de turistas, e novos habitantes, no caso empreendedores. Então, a cidade que era pequena e áreas ao redor, passa a crescer desordenada, sem planejamento adequado, ocasionando na perda da vegetação nativa em poucos anos.

Para evitar este efeito, é necessário levar em conta capacidade do local, respeitando-o e estabelecendo critérios de crescimento. A maioria dos projetos turísticos não aceitam os limites do ambiente, e podem levar ao desequilíbrio e declínio do fluxo turístico. “O turismo é considerado uma atividade econômica viável, que possibilita a reestruturação e/ou a revitalização econômica do local. Mas, para que isso realmente perdure, é necessário planejar corretamente”, conforme afirma Ferreti (2002, p. 58).

Uma das formas de se diminuir os impactos negativos que o turismo pode causar, é a capacidade de carga turística, assim se tem uma forma de controlar a quantidade de turistas presente nas localidades. Segundo Ferretti (2002, p. 70) “o ambiente possui limites quanto a sua utilização. Esses limites referem-se tanto à retirada de determinado recurso natural, quanto ao número de pessoas que poderão circular naquele espaço”, ultrapassar os limites é arriscar a durabilidade da atividade, haverá a degradação do local, passando a ser um destino dispensável, pois já não terá mais estruturas que suporte a vinda dos turistas.

A capacidade de carga turística é composta de três variáveis:

Capacidade de carga ecológica: refere-se ao número de visitantes simultâneos e ao número de frequências que pode absorver uma área natural, sem que se altere o equilíbrio do ecossistema.

Capacidade de carga material: é a capacidade de qualquer superfície (terra ou água) de receber turistas. Depende das características geográficas, geomorfológicas e da vegetação, que definem o perfil do lugar em terra firme, ou das condições dos espelhos d'água. A esses fatores deve ser associada a segurança.

Capacidade de carga psicológica: indica o número de visitantes simultâneos que podem conhecer a área, de tal modo que cada pessoa tenha experiência satisfatória. Varia de acordo com a atividade que será desenvolvida no atrativo, Boullón (apud FERRETTI, 2002, p. 70).

Todos os tipos de capacidade de carga se correlacionam, levando em consideração os aspectos naturais e sociais locais. São instrumentos para auxiliar o desenvolvimento do turismo, mas, cada localidade tem suas peculiaridades e, por isso, é improvável que a capacidade de carga seja a mesma para duas localidades diferentes, podendo também ser modificada pelos métodos de gestão do turista.

O processo de inclusão da capacidade de carga é considerado como uma prática sustentável, mas quão sustentável seria? Só controlar uma quantidade de entrada de turistas não é o suficiente para diminuir os impactos negativos, possivelmente a maioria dos lugares que mantem esse processo dentro da gestão, são destinos turísticos de elite, dominados por empresas de grande porte, que focam em seus grandiosos lucros, se preocupam com a carga, mas deixam de dar importância a outros fatores.

A sustentabilidade é vista como a salvação para o meio ambiente, mas será se é realmente? A indústria hoteleira tem estado na frente do desenvolvimento da administração de operações que favorecem o meio ambiente. Tomando medidas mais verdes que são no caso a conservação de energia, reciclagem e redução de refugo, além de quererem também a redução de custos de hotéis, ou seja, mais uma vez os lucros se sobrepõem ao lado social da coisa.

O lado ambiental também tem sido valorizado pelas operações de transporte, carros elétricos por exemplo. As empresas aéreas não são diferentes, buscam introduzir aeronaves mais silenciosas e que consumam menos combustível. Outra prática derivada da sustentabilidade, é dar oportunidade a comunidade local nos atrativos, incentivando turistas a comprarem com comerciantes locais. Entretanto, sem uma fiscalização, ambulantes tomam de conta do mercado que seria por direito do comerciante local.

Com este processo ganhando cada vez mais espaço na mídia, empresas emissivas de turismo se vêm obrigadas a vender locais mais sustentáveis, para que consigam diminuir os impactos negativos e aumentar os positivos, e isso é possível, quando estas empresas focam em introduzir a comunidade local não como atrativo, mais como agente do desenvolvimento

turístico. Desta forma, minimizam os custos e maximizam os benefícios para a população local.

Swarbrooke (2002) afirma que, não existe muitas evidências de que os turistas sejam mesmo interessados pelo turismo sustentável, somente pela qualidade do local onde passariam suas férias. Por estamos em uma época muito tecnológica, as pessoas buscam estar sempre a frente para conseguir mais visibilidade de sua vida, no caso muitos turistas que se dizem “ecoturistas”, buscam somente ganhar mais popularidade com o estilo de vida sustentável, não buscam de fato conhecer e praticar a sustentabilidade. O autor ainda cometa que não há boicotes nas empresas áreas hostis ao meio ambiente, ora, se os turistas são a favor do turismo sustentável, como que podem usar meios de transportes que agridem o meio ambiente? Isso é um fato que preocupa muito, pois na maioria das vezes essas pessoas que levam a sério o desenvolvimento sustentável em suas vidas diárias, alegam que em suas férias não faz mal esquecer um pouco o lado responsável por um pouco de prazer.

O autor aponta ainda que o “a visão do ecoturismo é excessivamente cor-de-rosa” (SWARBROOKE, 2002, p. 25), por talvez ser um fenômeno novo. Se esse segmento crescer em uma escala de massa, passando a exibir características do turismo local, acarretara em um turismo de massa. Isto é, o ecoturismo não é tão sustentável para o meio em que se instala.

A indústria do turismo quer que os clientes sintam que o ecoturismo é o segmento menos prejudicial e mais sustentável que o turismo de massa, fazendo com que os turistas se sintam bem em comprar tais produtos. A afirmação de que produtos ecoturísticos são mais sustentáveis é baseada nas seguintes características:

- Desejo dos participantes em aprender mais sobre seus destinos que o turista comum;
- Tentativa de maximizar o contato com a população indígena;
- Tamanho reduzido da maioria dos grupos, (SWARBROOKE, 2002, p. 40).

Os ecoturistas não estão inicialmente motivados pelo desejo de proteger o meio ambiente, mas, de conhecer o ecossistema em modo natural. Se o ecoturismo crescesse em uma área sem regulamentação, pode se torna prejudicial quanto as formas atuais de turismo, pois este segmento ocorre algumas vezes em áreas com ecossistemas mais raros, frágeis. Os ecoturistas estão sempre na procura por lugares únicos e exóticos, e como este segmento tende a crescer mais, então já não seria tão benéfico para estes locais, já que a busca aumentaria.

De qualquer forma, a pratica do turismo traz tanto impactos positivos quanto negativos, isso não se pode mudar, cabe as gestões, comunidades e turistas, se preocuparem mais com esses efeitos. E tentar mudar essa realidade de que o turismo é somente capitalista.

Para se ter um relacionamento sustentável entre o turismo e o meio ambiente, Swarbrooke (2002, p. 84-85) cita sete formas de melhoria, são eles:

- Pensamento holístico: no turismo, classificamos o meio ambiente em compartimentos autônomos, como vida selvagem, montanhas ou florestas tropicais. No entanto o meio ambiente é um fenômeno complexo, mantendo interrelações entre meio ambiente físico e espécies da fauna e flora.
- Controle dos impactos negativos: há uma necessidade de legislação e de um planejamento para o uso do solo e controle de edificações para reduzir impactos negativos. Controlar em forma de leis pode ajudar a evitar resultados negativos e estimular os resultados positivos.
- Encorajamento de práticas corretas: em relação ao meio ambiente, significa assegurar que todo novo empreendimento seja construído em locais apropriados, além de desenvolver infraestrutura local; em uma escala adequada para o lugar e a localidade; construir a partir de materiais recicláveis e obtidos no local, sempre que possível; projetar para ser eficiente no uso de energia e desenvolver de forma a minimizar o uso dos recursos, como água e a perturbação dos habitats de animais selvagens.
- Manutenção de um senso de proporção: certificar que o grau de interesse seja proporcional ao tamanho do problema. Por exemplo, pequenas erosões em uma trilha, não motivo o suficiente para fechar o local.
- O despertar da consciência entre turistas e a indústria do turismo: alguns danos causados pelo turismo podem ser evitados, quando as empresas promovem o conhecimento devido aos turistas, ajudando então na redução de alguns aspectos negativos.
- O preço pago para cobrir o custo ambiental do turismo: o turismo causa alguns problemas ambientais que custam dinheiro para serem resolvidos. O valor que os turistas pagam pelos serviços devem ser suficientemente altos para assegurar uma verba que cubra os custos ambientais do turismo. Caso contrário, a população local terá que subsidiar o turista ou os não terá solução para os problemas causados.
- Manutenção de um equilíbrio entre conservação e desenvolvimento: precisamos encontrar um ponto de equilíbrio entre a conservação do ambiente em seu estado atual e o desenvolvimento necessário para proporcionar benefícios sociais e empregos (SWARBROOKE 2002, p. 84-85).

O turismo tem se tornado um dos fatores principais de desenvolvimento ambiental, com uma relação muito próxima com o meio ambiente, mantém as pessoas informadas sobre o mesmo. Entretanto, nem sempre o turismo traz somente benefícios as localidades, traz também os impactos negativos ao meio ambiente natural.

### **3 CARACTERIZAÇÃO DE MAGALHÃES DE ALMEIDA**

Magalhães de Almeida, é conhecida como a princesinha do baixo Parnaíba, e nos meses de janeiro e julho, ganha mais visibilidade com o festejo e o arraial. Visitantes de cidades vizinhas e de outros estados, lotam a pequena cidade. No mês de janeiro é o festejo de São Sebastião, que além do caráter religioso também é uma forma de lazer para a população, com a realização de festas em clubes particulares e algumas na praça pública. No mês de julho acontece o Arraial da Nossa Gente, muitas apresentações folclóricas, e ao final, festa com bandas locais e bandas maiores.

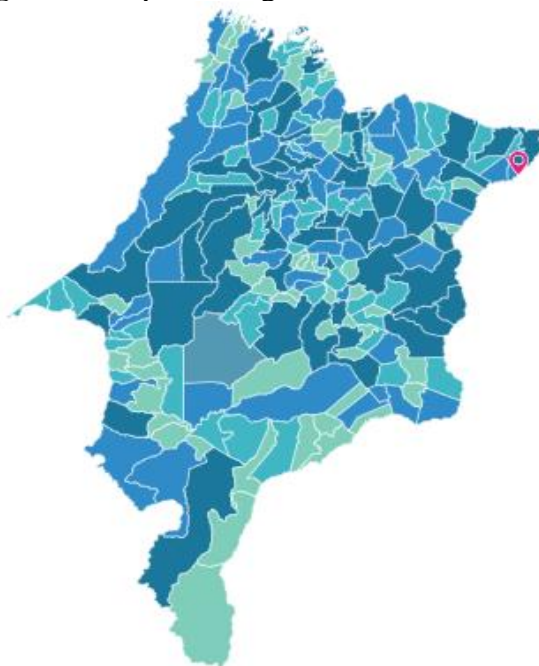
O município não dispõe somente das festividades como atrativos turísticos, há também o Balneário Férias que fica no povoado Férias e o Lagunas Bar no povoado Bacuri, ambos se localizam na beira da Lagoa do Bacuri e, conta com uma estrutura de restaurante e bar para os visitantes e população local, como é o caso do povoado Bacuri, cujo proprietários levam amigos para conhecer e desfrutar de um final de semana na região.

#### **3.1. ASPECTOS HISTÓRICOS**

Localizada na mesorregião Leste maranhense, com uma área de 433 km (figura 03), e localizada a 409 km da capital maranhense, Magalhães de Almeida faz parte da microrregião do Baixo Parnaíba, juntamente com os municípios de Araisos, Água Doce do Maranhão, Santa Quitéria do Maranhão e São Bernardo. Embora seja uma região de grande potencialidade para o turismo em áreas rurais, a atividade ainda carece de ações de base com vistas à inventariação dos atrativos e ações de articulação com o poder público/privado e comunidade.



**Figura 3:** Mapa de Magalhães de Almeida



**Fonte:** IBGE cidades, 2020.

O IBGE registrou, no censo de 2010, uma população de 17.587 habitantes para o município, com a estimativa para 2019 de 19.826 habitantes. Em 2010, havia 8.979 homens e 8.608 mulheres. Quanto a população, 51% residem na zona urbana e 49% na zona rural (IBGE, 2020).

Consta que a formação da cidade teve início em torno do ano de 1855, quando em decorrência de uma grande enchente no rio Parnaíba, o cidadão Barnabé Pereira Mascarenhas deslocou-se à procura de um local mais alto. Encontrou uma região com um pequeno morro e edificou moradia do lado esquerdo do Parnaíba, permanecendo ali onde veio chamar de “Furo”. Por volta de 1885, o local foi colonizado por outros moradores como Antônio da Silva Lopes, Militão Pereira Mascarenhas e Florindo José da Silva, os quais posteriormente abandonaram a região. Em 1918 foram erguidas novas construções na região por meio de Benedito Romão de Sousa, Manoel Vasconcelos Leão, Vitor Gonçalves Costa e outros (IBGE, 2020).

O que antes era chamado de “Furo” passou a ser chamado de Porto de Santo Antônio, homenageando o padroeiro. Em 1925 o então Governador maranhense José Maria Magalhães de Almeida elevou à categoria de Vila. Nas divisões territoriais de 1936 e 1937 até o a divisão de 1950, a vila aparece como distrito de São Bernardo, sendo desmembrada e elevada à categoria de município de Magalhães de Almeida, pela lei estadual n° 771, de 1° de outubro de 1952 (IBGE, 2020). O município somente aparece nos mapas territoriais a partir

de 1959. Possui como indicadores sociais um PIB de R\$ 115.788,22 mil, e um IDH de 0,567 de acordo com IBGE (2020).

### 3.2. MEIO AMBIENTE E TURISMO EM MAGALHÃES DE ALMEIDA

A utilização dos recursos naturais para atividades de lazer e geração de emprego e renda, pode contribuir para a degradação do ambiente, pois tantos gestores municipais e população, geralmente, priorizam o desenvolvimento econômico em detrimento da sustentabilidade. No entanto, nas últimas décadas houve a busca pela conciliação do desenvolvimento econômico e a preservação ambiental, sem que comprometam ambas as partes.

Seguindo essa tendência, o turismo como uma das atividades que mais gera emprego no mundo vem buscando utilizar práticas sustentáveis a partir da gestão de recursos naturais de forma a conciliar valores ambientais, econômicos, sociais e estéticos, mantendo-se a diversidade biológica e as particularidades culturais das comunidades (SILVA, 2013).

Quando se pensa na relação do turismo com o meio ambiente, alguns segmentos merecem ser destacados, como o turismo no espaço rural, como o Ecoturismo e o Turismo de Aventura que se utilizam amplamente dos recursos naturais para o desenvolvimento de suas atividades. Embora tenha um potencial evidente para esse tipo de turismo, a região do Baixo Paranaíba Maranhense não tem unidades de conservação que poderiam auxiliar em ações para preservação da fauna e flora, promovendo ações de educação ambiental e para fins turísticos.

Nesse aspecto, por estar inserida em um ambiente natural, a Lagoa do Bacuri pode ser aproveitada turisticamente para este potencial o que ainda não acontece. Porém, em virtude da melhoria da infraestrutura no local, observa-se que há um aumento do número de visitantes e, com isso, torna-se fundamental delinear ações em prol da atividade turística nessa localidade para que não sejam potencializados os impactos socioambientais já existentes. Faltam ações de planejamento que possibilitem identificar elementos importantes nesse processo, como o número de visitantes e os impactos ambientais causados na lagoa em função da atividade turística, e quais as consequências em decorrência desse fato.

#### 3.2.1. Aspectos físicos

O município de Magalhães está inserido na área de transição climática do semiárido nordestino e áreas subúmidas. Por se encontrar em uma área de baixa latitude, “apresenta elevadas temperaturas, por conta da incidência quase perpendicular dos raios

solares, o que resulta na intensificação dos processos morfogenéticos” (SILVA, 2013, p. 16), ou seja, o clima nesta área é o subúmido seco.

A fase de chuvas se apresenta bem definido ao longo do ano, caracterizado por um período chuvoso que se concebe nos meses de dezembro a maio, onde o maior nível de chuva se dá no mês de março, e o outro de estiagem, que vai de junho a novembro, com altas temperaturas neste período. As temperaturas do município estão situadas numa média sempre superior a 27° C, afirma Silva (2013). Atribuindo assim características que pertencem ao bioma cerrado, se aproximando também das características da Caatinga.

A cobertura vegetal do município de Magalhães de Almeida varia de acordo com características do relevo. A proximidade com cursos d’água como a Lagoa do Bacuri e o rio Parnaíba, e o grau de alteração antrópica proporciona o surgimento de diversos ecossistemas. Dessa forma, no que se relaciona à tipologia fitofisionômica é possível destacar o cerrado típico, vegetação secundária (capoeiras) e matas de galeria associadas aos corpos hídricos nos baixões” (SILVA, 2013, p. 17).

O cerrado local vem sofrendo mudanças devido à agricultura familiar e pecuária extensiva desde a instalação dos primeiros povoadamentos na região. No entanto, atualmente houve uma intensificação dos desmatamentos por atividades vinculados à “implantação da sojicultura e do fabrico de carvão para atender a atividade siderúrgica” (SILVA, 2013, p. 17), como forma de aproveitar a madeira e realizar a limpeza dos terrenos.

Este processo de implantação de soja causou grande mudança na paisagem natural ao longo dos últimos 10 anos, como é possível observar nas figuras 04 e 05, com um intervalo de 7 anos entre eles.

**Figura 4:** Plantação de soja em 2013



Fonte: SILVA, 2013.

**Figura 5:** Plantação de soja em 2020



Fonte: Google Earth, 2020.

Como é possível observar, houve uma grande perda da mata nativa para a plantação de soja, uma diferença de poucos anos, mas um enorme impacto socioambiental na região, porque além da degradação da natureza, impacta também na vida dos moradores, que venderam suas terras onde cultivavam alimentos para subsistência para gaúchos que vieram para a região. No entanto, não se tem noção total da perda de fauna e flora, com a chegada da soja no município.

A retirada da vegetação nas proximidades na Lagoa do Bacuri é intensa e vem afetando principalmente a comunidade que estão situadas aos arredores dos campos agrícolas. É válido dizer que em um futuro próximo a Lagoa do Bacuri e as comunidades ao seu redor sofrerão com os problemas gerados através da erosão eólica e utilização de água contaminada que poderá matar organismos aquáticos e reduzir a qualidade de vida da população local, submetendo-a a problemas graves de saúde (SILVA, 2013, p. 18).

Algo que deveria servir como fonte de vida para a população, na verdade será um fator que desencadeará problemas de saúde e um enorme prejuízo para o meio ambiente, sem previsão de regeneração local. Como afirma Silva (2013) a fauna da região onde concentra os campos agrícolas está completamente comprometida, muitas espécies de animais já sumiram, e os que sobreviveram a queimadas e desmatamento ficam restritos a uma pequena área, tornando-se presa fácil para caçadores. Além disso, algumas plantas típicas da região também correm risco de desaparecimento na região.

O uso de agrotóxicos é um problema, contaminando a vegetação, solo, lagos e a lagoa, com aparecimento de morte repentina de peixes. Por mais que a empresa responsável alega estar ciente de tais problemas e responsabilidades para com o meio ambiente, nota-se o total descaso por parte da mesma em relação aos vários problemas ambientais já causados.

De acordo com Silva (2013), no território maranhense é possível encontrar rochas magmáticas sedimentares e metamórficas. As rochas sedimentares ocupam quase toda a superfície do território do estado, distribuídas em três ambientes deposicionais formadores das bacias sedimentares do Maranhão, de Barreirinhas e de São Luís, Feitosa e Trovão (apud SILVA, 2013).

Nessa área é possível identificar “duas unidades estratigráficas: sedimentos do Terciário destacando-se o Grupo Barreiras, formado por arenito e conglomerado, intercalações de siltito e argilito” SILVA (2013, p. 19). Além dessa formação mencionada há a presença marcante dos depósitos eólicos continentais, que são formados por areia regularmente selecionada (CPRM, 2013). Esta formação geológica é constituída por sedimentos do tipo areno-argilosos de cor róseo-avermelhado, siltitos de cores amarela e ocre, ferruginizados e ocasionalmente, conglomeráticos desorganizados.

A geomorfologia maranhense, ou seja, a formação do relevo “expressa o domínio de fator climático, com poucas evidências de controle litológico, pois o fator hidrológico responsável por grande parte dos processos geomorfológicos, nas áreas emersas, é dependente da convergência dos agentes climáticos”, conforme Feitosa (2007, p. 68).

A área do município de Magalhães de Almeida é marcada por extensos tabuleiros residuais, com relevo plano. De acordo com Silva (2013), as poucas elevações com declive mais acentuado que existem correspondem aos inselbergs são formados por colinas arredondadas ou encostas formadas por material resistente ao intemperismo e à erosão, em área de afloramento de arenitos de material quartzarênico.

De acordo com Silva (2013), todos os solos locais têm como característica básica a baixa capacidade de troca catiônica, devido ao alto grau de intemperismo dos sedimentos que os formaram, as formações geológicas são sedimentares e possuem material oxidado, derivado de minerais ricos em alumínio. Em muitas áreas, o solo pode ser salinizado em consequência da elevada evapotranspiração, típica de regiões semiáridas.

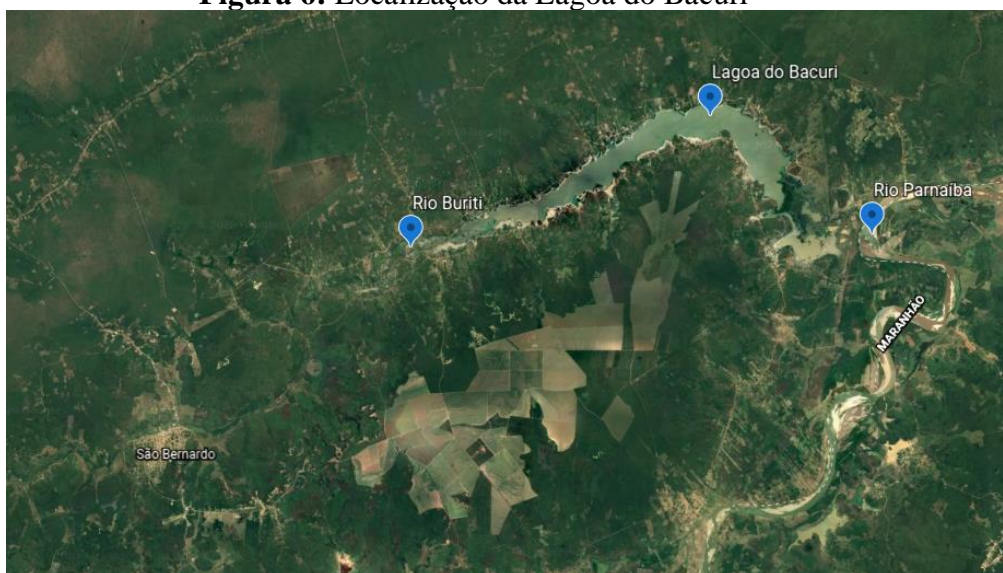
São encontrados vários tipos de solo no município: LATOSSOLOS AMARELOS, CAMBISSOLOS, NEOSSOLOS QUARTZARÊNICOS, NEOSSOLOS LITÓLICOS e os ARGISSOLOS AMARELOS. Os LATOSSOLOS AMARELOS, juntamente com os ARGISSOLOS AMARELOS e NEOSSOLOS QUARTZARÊNICOS, tem ocorrência associada aos extensos e planos tabuleiros do município. Já os CAMBISSOLOS e os NEOSSOLOS LITÓLICOS têm ocorrência associada às áreas de topografia mais irregular de Magalhães de Almeida (SILVA, 2013, p. 21-22).

Por ter em alguns locais a textura grosseira, permite a implantação da sojicultura, possibilitando então a fixação da soja no solo, já que essa área os ventos se deslocam com uma grande velocidade, resultando em erosão.



A hidrografia do município de Magalhães de Almeida é marcada pela presença do rio Parnaíba, rio Buriti e a Lagoa do Bacuri e do Azul (figura 06), que fica situada no povoado Melancias. Todos esses recursos hídricos vêm sofrendo grande pressão pela implantação de lavouras no seu entorno, com destaque para o plantio de soja em regiões muito próxima a Lagoa do Bacuri, como já visto na figura 05, acarretando assim grandes problemas ambientais a esses corpos hídricos, poluição da água com despejo de agrotóxicos.

**Figura 6:** Localização da Lagoa do Bacuri



**Fonte:** Google Earth, 2020.

A biodiversidade da Lagoa do Bacuri sustenta várias comunidades, em questão de fornecimento de alimentos, como é o caso da comunidade do Bacuri, que possui um papel importante na conservação do ecossistema hídrico local, pois é uma das que se encontram mais bem estruturada e organizada para visitas. Mas, a atividade turística no local é realizada de forma improvisada e com pouca infraestrutura, apesar da lagoa ficar inserida em uma área rural, que poderia ser explorada para prática do Ecoturismo e o Turismo de Aventura, já que é um grande potencial do município, enquanto nas demais atrações turísticas que acontecem na sede do município são mais trabalhadas e preparadas para um fluxo grande de turistas e visitantes.

Para ser considerado como destino turístico, o local precisa ter os atrativos turísticos transformado em produto, nesse caso produto turístico, que é o resultado entre recursos naturais e culturais e os serviços disponibilizados por uma localidade, com o intuito de despertar o interesse das pessoas e fazer com que elas consumam o produto ofertado. Nesse sentido, o município já possui alguns atrativos turísticos que atraem um grande

número de pessoas todo ano, como os festejos de São Sebastião e Santo Antônio, Balneário Férias, Peregrinação Nossa Senhora Mãe do Divino Salvador e o Arraial Nossa Gente.

### 3.2.2. Atrativos culturais e naturais

Nos festejos do município ocorrem muitas manifestações em homenagem aos padroeiros. “Tais celebrações inevitavelmente atraem para sua órbita um grande número de práticas que vão além da religiosidade, mas não deixam de ser, em seu núcleo, manifestações religiosas” (PORTUGAL, 2019, p. 33).

O festejo de São Sebastião acontece no início do ano, entre o dia 20 a 30 do mês de janeiro. Na abertura, acontece a procissão de levantamento do mastro, e é quando os fiéis se dirigem do centro da cidade até a igreja onde o mastro será erguido (figura 07). Nestes dez dias de festejo, acontecem não somente as celebrações religiosas, mas também, eventos como motocross, competições esportivas e festas com bandas locais e de outras cidades.

**Figura 7:** Levantamento do mastro do festejo de São Sebastião



**Fonte:** Portal Romério Carvalho, 2020.

Já a festividade de Santo Antônio que é também padroeiro da cidade, acontece durante todo o mês de julho, junto com as festas juninas (figura 08). No dia 13 do mês é decretado feriado municipal, em homenagem ao santo, as celebrações acontecem por todo o município, incluindo os povoados, com shows, apresentações e quermesses (PORTUGAL, 2019).

**Figura 8:** Celebração do festejo de Santo Antônio



**Fonte:** Portal Rio Parnaíba, 2018.

Durante o mês de maio, entre os dias 20 a 31 realiza-se a peregrinação da imagem da Mãe do Divino Salvador (figura 09), no qual devotos acompanham a passagem da imagem, se deslocando da sede da cidade, passando por vários povoados do município, no último dia do mês retorna para a igreja que leva seu nome para a missa de encerramento da peregrinação. “Tal missa conta com a presença do bispo da diocese de Brejo, onde é encenada a coroação da Nossa Senhora como Rainha do Céu e da Terra” (PORTUGAL, 2019, p. 35).

**Figura 9:** Imagem da Nossa Senhora Mãe do Divino Salvador



**Fonte:** Blog Spot, 2012.

Assim como no Nordeste, o arraial não deixa de fazer parte do calendário cultural de Magalhaes de Almeida, que desde que passou a fazer parte do calendário festivo da cidade,



não passou um ano sequer sem ser comemorado, exceto no ano de 2020 com a pandemia, que o obrigou o mundo a parar, e não foi diferente na cidade. Esse ano seria a 24ª edição do arraial.

O Arraial Nossa Gente (figura 10), é conhecido por toda a região do baixo Parnaíba, atrai todos os anos muitos visitantes nos quatro dias de festividade, que geralmente acontecem no mês de julho. Muitas apresentações folclóricas como quadrilhas, dança portuguesa, bumba boi e rituais indígenas e shows musicais populares famosas (figura 11).

**Figura 10:** Entrada do 23º Arraial Nossa Gente



**Fonte:** Blog Jornal a Noticia, 2019.

**Figura 11:** Apresentação cultural no Arraial Nossa Gente



**Fonte:** Blog Jornal a Noticia, 2019.

Com relação aos atrativos naturais, o mais utilizado é balneário Férias (figura 12 e 13) e Lagunas Bar. O balneário Férias fica localizado no povoado Férias, à 19 km da zona urbana da cidade. O local é bastante visitado tanto pela população local, quanto por visitantes de outras cidades, como São Bernardo, Santa Quitéria e Luzilândia. É um ponto turístico para quem quer um descanso da rotina de trabalho, que conta com serviços de restaurante e bar, além de um bom banho de água doce na lagoa (figura 14).

**Figura 12:** Entrada do Balneário Férias



**Fonte:** Portal Romério Carvalho, 2015.

**Figura 13:** Área de lazer do balneário



**Fonte:** Portal Romério Carvalho, 2015.



**Figura 14:** Frente do bar e restaurante



**Fonte:** Portal Romério Carvalho, 2015.

O acesso até o local é limitado, chão de terra, estruturado para transporte pequenos como carroça, e animais, mas, suporta o tráfego de automóveis como carros, ônibus e motos. De acordo com Portugal (2019), o balneário recebe anualmente muitos turistas nacionais e internacionais, conta com a capacidade para até 30 mil pessoas, funciona durante a semana para alugar e finais de semana é aberto ao público.

O Bar Lagunas (figura 15) fica localizado povoado Bacuri, é bastante visitado por moradores de outros povoados e da cidade de Parnaíba – PI, disponibiliza de uma área de futebol e/ou vôlei, redes dentro da água para quem quer se refrescar, além de um cardápio com comidas locais e bebidas. É um ótimo ponto turístico, com potencial para o ecoturismo, pois sua localização permite a troca entre turistas e a natureza local, como a própria lagoa (figura 16 e 17).

**Figura 15:** Fachada do Bar



Fonte: O autor, 2020.

**Figura 16:** Redes dentro d'água



Fonte: O autor, 2020.

**Figura 17:** Turistas de Magalhães de Almeida - MA



**Fonte:** O autor, 2020.

Magalhães de Almeida é uma cidade que atrai muitos visitantes e turistas, principalmente nos meses de férias que correspondem aos principais festejos no mês de janeiro, junho e julho, e com os vários segmentos que existem na região, como o turismo rural e ecoturismo, no entanto não há um planejamento que abrange isso, ou seja, tudo ocorre de forma imatura. Se houvesse um planejamento turístico, as possibilidades de melhora dos atrativos e serviços seria grande, além de trazer benefícios também as comunidades.

## 4 COMUNIDADE DO BACURI

Antes da emancipação de Magalhães de Almeida, há indícios de povoados mais antigos no entorno da Lagoa do Bacuri, o lugar já era habitado desde a época da escravatura pela família Pires de Castro, que possuía um engenho. No local onde hoje é a lagoa, havia um pequeno córrego, que em período de estiagem, as pessoas atravessavam a pé. Com o passar dos anos o rio Parnaíba deu origem à lagoa.<sup>2</sup>

Os mais antigos contam que após os Pires de Castro, outras famílias tiveram posses da terra, até chegar nas mãos de Joaquim Escórcio da Silva, responsável por colocar os nomes nos povoados. Em suas viagens que fazia a outras localidades, costumava trazer bacuris<sup>3</sup> para se alimentar e também para comercialização, chegando até a cultivar no seu quintal, dando origem ao nome de um dos povoados como Bacuri dos Escórcios, atualmente conhecida como Bacuri, e a lagoa como Lagoa do Bacuri, dando início a vinda de muitas famílias, hoje residem cerca de 80 famílias.

### 4.1. IMPACTOS AMBIENTAIS NO LOCAL

A partir de um trabalho de campo realizado na Lagoa do Bacuri em outubro de 2019 a janeiro de 2021, no povoado Bacuri (figura 18), foram realizadas 11 entrevistas com três diferentes grupos de pessoas para entender e analisar de que forma está acontecendo os impactos ambientais na lagoa, e de que forma estão sendo percebidos pela população, turistas e empresários.

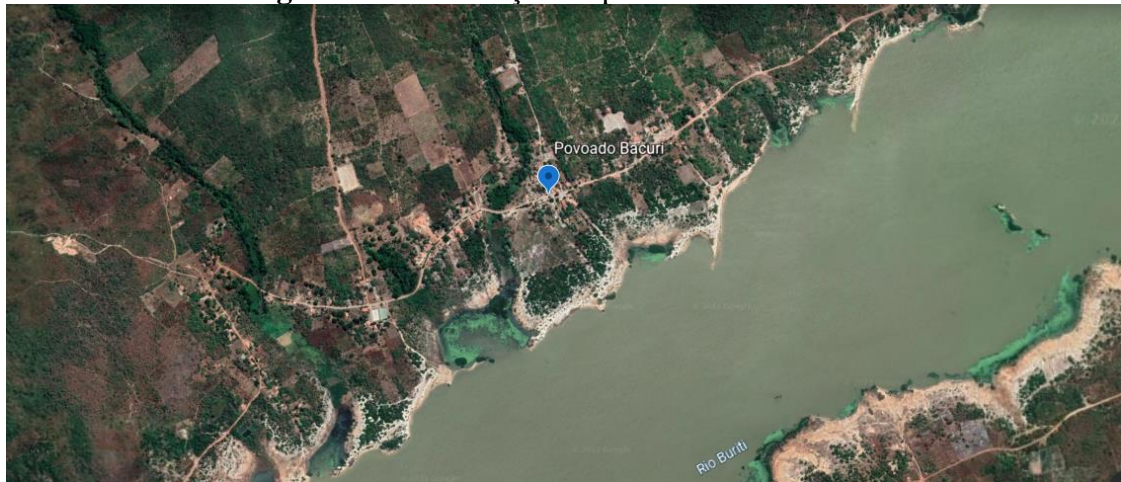
---

<sup>2</sup> Relato oral de um morador local da comunidade do Bacuri (2020).

<sup>3</sup> O bacuri é um fruto produzido pela árvore bacurizeiro (*plantonia insignis*), naturalmente da amazônia e no Cerrado.



**Figura 18:** Localização do povoado Bacuri



**Fonte:** Google Earth, 2021.

A escolha destes três grupos se deu pela importância que cada um possui com relação ao desenvolvimento do turismo, a comunidade por morar e ter uma percepção entre passado e futuro, em relação a seu modo de viver; turistas por ter uma outra percepção, momentânea do local, em seu momento de lazer, se está sendo atrativo para ele ou não; e empresários por saber analisar o local como oportunidade de negócio, podendo ter uma percepção diferente de todos, sobre os impactos ambientais na Lagoa do Bacuri, principalmente no povoado Bacuri.

No entanto, para se ter um diagnóstico mais preciso sobre quais são os verdadeiros impactos ambientais e se de fato existem é preciso uma equipe interdisciplinar, a própria prefeitura municipal poderia fazer esse trabalho em parceria com a secretaria do meio ambiente para fazer exames na qualidade da água, uma investigação mais profunda, para se ter os dados mais apurados. Apesar de ter a necessidade que esses órgãos trabalhem em prol da lagoa, não há dados de pesquisa em relação ao assunto. Por mais que este trabalho de campo busque ter uma análise dos impactos, não deixa de ser uma percepção em conjunto dos agentes em questão, tornando-se um fator de investigação inicial da situação ambiental em que se encontra o local.

Os primeiros contatos com a comunidade foi a partir da observação participante, na qual foram realizadas visitas ao local para compreender a dinâmica dos grupos que atuam na lagoa e selecionar os informantes. Para poder analisar a percepção entre comunidades, turistas e empresários, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com os grupos, pois a entrevista consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação, conforme Goode e Hatt (1969, p. 237). O primeiro grupo

entrevistado, foi a comunidade, sempre muito bem receptiva, mas, com certo receio do que se tratava as perguntas, pois algumas pessoas imaginavam se tratar de pesquisa vinculada à prefeitura e que poderiam implicar em alguma repressão, mesmo com essa pequena dificuldade foi possível realizar a quantidade pretendida de entrevistas.

A entrevista foi realizada com cinco pessoas, a escolha dos entrevistados se deu por conveniência, ou seja, a pesquisadora realizou as entrevistas com pessoas disponíveis naquele momento, a pequena quantidade é devido ao momento em vivemos, diante de pandemia, não teria como ser com um número maior a isso, foram 14 perguntas de teor qualitativa, com perguntas sobre gênero, idade e tempo de moradia na comunidade, se sabem o que é impacto ambiental e se conseguem identificar algum na própria lagoa, além de se acreditam que o turismo é benéfico ou maléfico para a área em questão, tais entrevistas foram somente escritas pela comunidade. Os nomes foram mantidos no anonimato e estão sendo utilizados nomes fictícios para preservar a identidades dos moradores.

Para a tabulação dos dados, em virtude de se tratar de respostas discursivas, optou-se pela transcrição das entrevistas e discrimina-la em categorias temáticas a fim de agrupar as respostas de acordo com um tema específico, como o perfil, percepções ambientais, motivações da visita, entre outros, segundo indicações de Gibbs (2020), para posteriormente proceder à inferência.

Como pode observar no quadro 1 a maioria dos entrevistados foram homens, que também apresentam maior tempo de residência na comunidade, onde três dos entrevistados respondem que moram a vida toda ali, os outros dois que responderam morar entre 30 e 45 anos, se mudaram por casamento com conterrâneas, onde passaram a ter laços familiares. E todos vivem direta ou indiretamente da lagoa, com a pesca, e uso da água da lagoa para fazer comida, limpar a casa, lavar roupa, etc.

**Quadro 1:** Perfil dos moradores entrevistados da comunidade Bacuri

<b>Entrevistados</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de moradia</b>	<b>Profissão</b>
<b>Fernanda</b>	Feminino	20 a 30 anos	A vida toda	Estudante
<b>Rita</b>	Feminino	41 a 50 anos	A vida toda	Dona de casa
<b>João</b>	Masculino	31 a 40 anos	A vida toda	Pescador
<b>Eduardo</b>	Masculino	Maior que 50 anos	30 anos	Pescador
<b>Chico</b>	Masculino	Maior que 50 anos	45 anos	Aposentado

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de pesquisa de campo (2021).



Todos os entrevistados afirmam saber o que é Impacto Ambiental, conseguem fazer a ligação entre a exploração dos recursos naturais, que acarreta em muitos impactos negativos, como a degradação do solo, poluição da água e ar, e vários fatores; e sabem identificar alguns na própria comunidade: percebem diferença na qualidade da água, está mais amarelada nos últimos anos, não sabendo dizer se foi devido a construções dos balneários ou se foi ação da própria natureza, na pesca a quantidade de peixes é menor, além de desaparecimento de algumas espécies; muitas queimadas na mata, para limpar terrenos e roças (apesar de ser uma forma de subsistência), muitos moradores queimam de propósito, por pura “maldade” como afirma João, além de retirada de matas ciliares à beira da lagoa, aumentando o risco de assoreamento.

**Quadro 2:** Percepção ambiental dos entrevistados

	<b>Percebe alguma diferença na Lagoa nos últimos 10 anos? Qual?</b>	<b>Considera a Lagoa um ponto turístico?</b>	<b>Sabe o que significa IA?</b>	<b>Consegue identificar algum IA na comunidade?</b>	<b>Acredita que poderia ter sido evitado?</b>
<b>Fernanda</b>	Sim, cor da água, quantidade de peixes.	Sim, porque é um lugar de passeio maravilhoso.	Sei sim.	Sim, matas ciliares, água.	Sim, com conscientização da população.
<b>Rita</b>	Sim, água amarela.	Sim, por causa da própria lagoa, ótimo lugar para banhos.	Sim.	Sim, são queimadas na beira da lagoa.	Sim, com educação ambiental.
<b>João</b>	Não.	Sim, a própria lagoa é importante ponto de banho.	Sei.	Sim, na pesca, menos peixes.	Sim.
<b>Eduardo</b>	Sim, criadouros de peixes, turistas.	Sim, pois com a vinda de turistas a lagoa fica mais conhecida.	Sim.	Lixo na lagoa.	Sim, com conscientização.
<b>Chico</b>	Qualidade da água.	Logico, porque a lagoa é um fator importante para a sobrevivência de todos.	Sei.	Na pesca, nas matas, na água.	Sim, com educação ambiental.

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de pesquisa de campo (2021).

Em conversa mais aberta, João relatou uma observação, por mais que o turismo seja um fator importante de desenvolvimento local, precisa ser realizado com cautela, pois a poluição sonora das pessoas, de sons automotivos pode prejudicar a pesca e a reprodução dos bichos que vivem ao redor. Mencionou também que em uma outra comunidade perto, há vários criadouros de peixes Tilápia, no qual os funcionários jogam cerca de 50 sacos de 50 kg cada um por dia, de ração para peixe, poluindo a lagoa e prejudicando a alimentação correta de peixes nativos, já que a ração é própria para a Tilápia, contendo conservantes e produtos químicos, além disso, muitos criadouros se rompem com o peso dos peixes, libertando na lagoa, mudando o ecossistema natural da reprodução dos peixes.

Em outro momento com Chico, no qual foi a única entrevista autorizada a gravação da conversa, pois o mesmo se trata de um parente da pesquisadora e que com orgulho afirma que as pessoas precisam saber do que de fato acontece na lagoa. Chico relatou sua história de vida e relação com a lagoa. Em um trecho da conversa ele afirma que a lagoa não seca, “é sempre cheia, não seca mais, só secou uma vez, quando o Neto Carvalho, ex-prefeito de Magalhães de Almeida, comprou um terreno no povoado Trincheira, à beira da lagoa e desentupiu lá, meteu o trator (para limpar)”, isso se deu porque o ex-prefeito queria limpar o terreno para plantio de capim, no entanto o projeto não trouxe benefícios para ele e nem para as comunidades, já que a lagoa estava abaixo do nível normal. Lhe foi questionado sobre os impactos ambientais na região, se consegue perceber quais são.

[Pergunta: Você consegue perceber algum impacto ambiental aqui nos povoados?

Em todo lugar aqui... Pacto ambiental que eu acho é as pessoas não destruírem as coisas, impacto já é diferente. Olha, há uns 40 anos atrás ali na Porteirinha (povoado do município de São Bernardo), alia água era tão limpa, e era fundo batia aqui no verão (gesto com a mão no peito), que a gente olhava via os peixes andando assim, cansei de ver Sambuda (espécie de peixe natural da lagoa), hoje em dia é um lamaçal que ninguém vê nada mais, não consegue. Era cheia de mato nativo, a água mais limpa do mundo, limpinha, hoje vai lá pra ver! É o seguinte, o povo, tem uma grotta d'água, em vez dele ajeita pra não secar, não, eles vão é roçar pra plantar capim.

[Pergunta: O senhor acha que isso poderia ter sido evitado?

Poderia! Olha, eu vou falar uma coisa aqui pra você, eu há 20 anos atrás, é mais, uns 30 anos, eu matei um Soim (espécie de macaco), porque eu “tava” esperando uma Juriti acolá (espécie de ave) e ele era só me... correndo, espantava a Juriti, deu uma pedrada nele e ele caiu, aí quando ele caiu eu fui lá, peguei o “bichim”, tava abrindo a boca, e eu, a partir de hoje, nunca mais (pausa, choro) e até hoje... daí pra cá tenho é lutando pra... (choro, lembrou da sua filha caçula que morreu com 2 anos de idade).

O senhor Chico, ficou emocionado ao relatar a morte de um bicho que ele mesmo causou, porque viu a necessidade dele está na natureza e não morrendo pela mão do homem. Foi preciso isso acontecer para Chico perceber que o homem precisa ser aliado da natureza e não inimigo dela.

Um outro fato que foi relatado na entrevista, foram as ameaças feitas por pessoas de seu convívio, que ao ver “muitas coisas erradas”, como arrastões na lagoa<sup>4</sup>, que é um ato proibido por lei em determinadas épocas do ano, de acordo com o art. 34 da lei de crimes ambientais, denunciava aos órgãos competentes, secretaria do Meio Ambiente municipal, Delegacia Civil local, Polícia Federal, entre outros órgãos, mas, nada foi feito. O IBAMA andou uma vez tomando tarrafa de alguns pescadores, mas, Chico mesmo afirma, “eles tomam de quem só tem aquela tarrafa pra pesca pra alimentar sua família, dos que fazem de fato o arrastão, deixam quietos”.

**Art. 34.** Pescar em período no qual a pesca seja proibida ou em lugares interditados por órgão competente:

Pena – detenção de um ano a três anos ou multa, ou ambas as penas cumulativamente.

**Parágrafo único.** Incorre nas mesmas penas quem:

**I** – Pesca espécies que devam ser preservadas ou espécimes com tamanhos inferiores aos permitidos;

**II** - Pescar quantidades superiores às permitidas, ou mediante a utilização de aparelhos, petrechos, técnicas e métodos não permitidos;

**III** - transporta, comercializa, beneficia ou industrializa espécimes provenientes da coleta, apanha e pesca proibidas.

Como ele mesmo fala “larguei de mão”, por sofrer inúmeras ameaças a ele e a família, que conta em um desses episódios, uns dos homens responsáveis por alguns arrastões foi em sua casa lhe ameaçar com uma espingarda, pedindo para parar de fazer denúncias ou ele iria matar Chico e seus filhos. Aproveita ainda para fazer uma crítica ao governo federal atual, na questão da paralisação das políticas de preservação, liberação de agrotóxicos, dando poder aos grandes empresários latifundiários.

É possível perceber nessas falas do senhor Chico o tamanho da sua indignação, ele como um cidadão lutando em prol da lagoa, na busca por ajuda para preservá-la, é ignorado pelos órgãos o qual buscou ajuda, e ainda recebe ameaças de quem ele denunciou, no entanto, mesmo que ele tenha dito que “deixou isso para lá”, transmite em suas falas o cuidado com a natureza em seu entorno.

O segundo grupo a participar da entrevista foram os turistas/visitantes. Foi realizada com uma pequena amostra de 5 pessoas, pois a pesquisa se dá a partir de uma

---

<sup>4</sup> Prática de pesca, que consiste em colocar uma rede de grande porte em determinada área, arrastando os peixes até a areia. Esta prática reduz as populações de peixes e outros bichos aquáticos, além da flora.

percepção, além de estarem em um momento de lazer, alguns turistas preferiram não sair do seu tempo ócio para participar da entrevista, já que levaria alguns minutos, visto que muitos desses turistas passaram a buscar lugares remotos, de natureza conservada, paisagens bucólicas entrelaçadas com a cultura, conhecida hoje como a pratica do ecoturismo e do turismo rural, já que a lagoa possui possibilidade para esta pratica, e a própria comunidade permite essa troca. A entrevista deu início não diferente do primeiro grupo, com perfil do turista em relação a gênero, idade e onde reside.

**Quadro 3:** Perfil dos visitantes entrevistados da Lagoa do Bacuri

<b>Entrevistados</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Residência</b>	<b>Onde está hospedado?</b>	<b>Com quem costuma vir a lagoa?</b>
<b>John</b>	Masc.	Menor 20 Anos	Mag. Almeida	Casa de parentes.	Amigos
<b>Dário</b>	Masc.	31 a 40	São Bernardo	Nenhum lugar.	Amigos
<b>Núbia</b>	Fem.	21 a 30	Mag. Almeida	Nenhum lugar.	Parentes
<b>Olivia</b>	Fem.	41 a 50	Mag. Almeida	Casa de parentes.	Parentes
<b>Estela</b>	Fem.	41 a 50	Parnaíba - PI	Nenhum lugar.	Amigos

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de pesquisa de campo (2021).

Sobre as motivações que levaram os visitantes a escolher a Lagoa do Bacuri, estas foram variadas, ainda assim, a indicação de amigos e beleza natural tiveram um peso maior. Quando esses entrevistados afirmam que a motivação é a beleza natural da lagoa, observa-se um grau de admiração pela mesma, sendo para eles um local ideal para banho, contemplar a natureza ao redor e a própria paisagem da lagoa, além da tranquilidade do local (Quadro 04).

Como afirma Swarbrooke (2002), nem sempre o turista que frequenta um destino “verde” está interessado em ações sustentáveis. No entanto, quando indagados sobre quais as atividades que poderiam ser ofertadas aos frequentadores, os entrevistados se preocuparam em citar não somente ações recreativas, mas também educacionais. Mesmo com a falta de tais atividades no momento, os entrevistados se mostraram motivados a indicar o local para outras pessoas, o que caracteriza uma impressão positiva (Quadro 04).

**Quadro 4:** Motivação dos visitantes entrevistados

<b>Entrevistado</b>	<b>O que lhe motivou a vir na lagoa?</b>	<b>Quais atividades podem ser ofertadas?</b>	<b>Recomendaria este local?</b>
<b>Jhon</b>	Beleza natural.	Passeios de barco.	Sim.
<b>Dário</b>	Indicação de amigos.	Palestra de educação ambiental.	Sim, local familiar.
<b>Núbia</b>	Infraestrutura de lazer.	Trilhas e shows.	Sim.
<b>Olivia</b>	Beleza natural.	Palestra de educação ambiental.	Sim.
<b>Estela</b>	Indicação de amigos.	Pesca esportiva.	Sim.

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de pesquisa de campo (2021).

As motivações foram variadas, ainda assim, a indicação de amigos e beleza natural tiveram um peso maior. Quando esses entrevistados afirmam que a motivação é a beleza natural da lagoa, observa um grau de admiração pela mesma, um maravilhoso local para banho, contemplar a natureza ao redor e a própria lagoa, além da tranquilidade.

Em alguns momentos de observação, pode se constatar que os visitantes não conseguem perceber nenhum tipo de impacto ambiental ali, já que ficam em uma pequena parte de toda a área da lagoa, em que os proprietários tem o máximo de cuidado para manter a limpeza, tornando uma fachada para o real problema que vive a lagoa, já que estes visitantes não tem a curiosidade de sair desse ambiente e conseguir perceber algum impacto, como pode observar no quadro 05.

**Quadro 5:** Percepção ambiental dos visitantes entrevistados da Lagoa do Bacuri

<b>Entrevistado</b>	<b>Satisfação geral com a limpeza local?</b>	<b>A visita gera algum impacto ambiental na lagoa?</b>
<b>Jhon</b>	Bom	Não sei
<b>Dário</b>	Regular	Não sei
<b>Núbia</b>	Muito bom	Não
<b>Olivia</b>	Regular	Sim
<b>Estela</b>	Regular	Não

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de pesquisa de campo (2021).

Apesar de apenas um entrevistado responder que a visita gera algum impacto ambiental na lagoa, não soube especificar qual seria. Já a satisfação em relação a limpeza

local, nota-se que todos estão satisfeitos com a limpeza, mas prefeririam que o local fosse um pouco mais organizado com a limpeza, entretanto não deixam de frequentar, nem de indicar o local para outras pessoas. Em pontos diferentes há lixeiras que o proprietário do bar instalou, no entanto, algumas pessoas insistem em jogar o lixo fora do lugar adequado (figuras 19 e 20).

Ainda que a maioria dos entrevistados respondam que é um bom lugar para lazer, disponibiliza de comida e bebida, e se mantém limpo, um dos entrevistados afirma que se tivesse um melhor atendimento por parte dos funcionários o lugar seria exemplar.

**Figura 19:** Lixo deixado pelos visitantes



**Fonte:** A autora, 2021.

**Figura 20:** Lixeira no local



**Fonte:** A autora, 2021.

Sobre a percepção dos impactos relatados pela comunidade e pelos turistas, verificou-se que há diferentes pontos de vista. Logicamente a comunidade que está ali há anos tem a percepção de como era antes e como é agora, e pode dizer com clareza se existem alterações ambientais na lagoa e quais são elas. Isso não deixa de validar a percepção do visitante, pelo contrário, são apenas visões diferentes do mesmo lugar, podendo as respostas serem parecidas ou diferentes, que foi o caso desse estudo. Mas deixa claro que a experiência do turista é limitada sobre os ambientes e, por isso, o turismo deve ser pensado em conjunto com a comunidade local, já que é a própria comunidade de convive com esses impactos de perto, demonstrando a importância do planejamento em conjunto com os diferentes agentes que atuam na atividade.

O último grupo a participar da pesquisa, teria de início a mesma quantidade de amostra, porém, atualmente só há um restaurante na comunidade. Há poucos meses antes da entrevista, antes havia uma pequena pousada, que fechou pela baixa procura. Existe também um passeio de boia puxado por um jet ski, oferecido pelo primo do proprietário do restaurante, no entanto, toda vez que se tentou contato com ele, não estava disponível ou não o encontrava, a última tentativa em janeiro, o mesmo estava viajando para concertar a boia que furou num desses passeios. Além disso, os demais empresários são de pequenos comércios alimentícios e rouparia, que não deixam de ser um suporte importante para o turismo local, mas não trabalham com o turismo na prática, sendo assim, o único entrevistado foi o senhor Antônio, proprietário do bar e restaurante, que desde o primeiro contato em 2020 foi muito solícito, dando permissão para tirar fotos do local e realizar a entrevista, por mais que tenha ido algumas vezes como pesquisadora, Antônio nunca deixou de tratar bem, sempre com um sorriso no rosto e muito atencioso.

Em muitas das procuras pelo senhor Antônio, sempre havia algo impedindo o desenvolvimento da entrevista, ou era demanda muito grande de clientes, ou estava com pressa para resolver algo fora do restaurante, mas nunca deixou de marcar uma próxima vez. Porém, mesmo com tantos imprevistos, no dia 03 de janeiro de 2021 foi realizada a entrevista no bar mesmo, já que era um dia de domingo, o local estava cheio, conseguindo assim um pouco de sua atenção para a realização da entrevista.

Seu Antônio relata que é natural de Parnaíba – PI, mas morou muitos anos em Brasília – DF, em 2019 surgiu a oportunidade de comprar esse local, que antes era somente bar, por um valor que ele mesmo fala “barato”, o bar estava parado um bom tempo, já teve vários proprietários, mais nenhum conseguia manter, então colocaram a venda.

Ao ser questionado sobre a visão de empreendedor para o local, ele afirma que por morar em cidade grande se tem uma noção do que o lugar precisaria para se manter no mercado e conquistar clientes. Na época em que morava em Brasília, disse que trabalhava já com o ramo turístico, então conseguia enxergar o que seu restaurante precisava, qual o diferencial colocar para se destacar. No período do primeiro contato, o restaurante já estava funcionando, mas disse que ainda iria melhorar a infraestrutura para uma melhor qualidade dos serviços e produtos para seus clientes, que seria colocar redes na lagoa, rede de vôlei para quem quisesse jogar, caiaques e bicicletas aquáticas. Até momento só conseguiu incrementar as redes, pois veio a pandemia e mudou todo o curso do planejado por Antônio, como ele mesmo afirma.

Assim como em todo lugar do mundo, devido às medidas restritivas, muitos locais tiveram acesso impedido ou restrito, não foi diferente dos empreendimentos locais, diminuindo assim a renda de milhões de pessoas e de seu Antônio, que antes tinha planos de comprar equipamentos para atrair mais visitantes, agora era de reabrir seu restaurante e continuar tentando não fechar.

Em trecho da entrevista lhe foi perguntado:

[Por que escolheu este tipo de empreendimento?

Pela viabilidade. Por ser ao lado do local de banho, é uma oportunidade única.

O empresário viu uma oportunidade de construir um estabelecimento em que o frequentador pudesse ter próximo ao local de banho, uma oferta de alimentos e bebidas. Assim, o visitante permanece mais tempo na lagoa. Dessa forma, observa-se que os serviços turísticos vão sendo aprimorados para a comodidade dos clientes e, com isso, ter uma maior fidelização. Ele fala que a única dificuldade é o acesso das estradas, uma vez que em se tratando de estrada de terra, alguns fornecedores se recusam a entregar as mercadorias e, com isso, tem que gastar com a busca dos produtos alimentícios. No entanto, o empresário relata que pelo movimento atual de visitantes, essa questão não se mostra um problema.

Questionado sobre a importância da lagoa, o mesmo afirma que ela é “tudo”, sem esse ponto turístico não teria porque colocar um restaurante num povoado que é um pouco isolado, sem a presença da lagoa não seria possível está realizando seu sonho de montar seu negócio.

Abordado sobre como descarta o lixo produzido ali, Antônio diz que separa o lixo em um determinado local colocando em um buraco, distante do restaurante e queima, essa pratica por mais que seja para a limpeza do local, pode causar queimadas maior se não for supervisionado, além do “aquecimento global, problemas de saúde e perda da biodiversidade”



(Mendonça, 2021), já que não tem coleta de lixo no povoado, afirma ainda se manter preocupado com os impactos ambientais local, mesmo sabendo que queimada é algo maléfico para a natureza, principalmente para o ar, acredita que é a melhor forma de descartar o lixo, já que na sua opinião só jogar fora, traz mais impactos, porque o bicho pode comer, ou até mesmo parar na lagoa.

Revelou que assim que comprou a propriedade, o local tinha muito lixo espalhado, deixado por proprietários antigos, não tiveram o cuidado sequer de limpar, ele e alguns amigos se reuniram para fazer a limpeza, já que não podia inaugurar num lugar cheio de lixo, isso seria um motivo que afastaria os futuros clientes.

Desta forma Antônio se viu fazendo o papel de toda a comunidade e de antigos proprietários. Roçou toda redondeza, deixando as árvores para fazer sombra, juntou mais de 10 sacos de lixo. Apesar de fazer queimada do lixo que produz ali, o local é sempre muito limpo, muito bem cuidado por ele, que mantém todo o cuidado de sempre que vê, juntar o lixo do chão, limpar as folhas secas, e sempre observar se tem lixo na lagoa.

Ao final foi lhe perguntado sobre o que achava da oferta de cursos de educação ambiental para comunidade e funcionários, afirmou ser importante para o bom desenvolvimento local, já que como ele declara, não teria tanto lixo quando chegou para assumir o lugar.

Em um momento mais fechado, Antônio indagou sobre o que seria de fato esta pesquisa, se teria haver com políticos locais, se poderia vir a prejudicar seu estabelecimento, em uma breve observação foi lhe explicado que se trata de uma pesquisa sobre os efeitos dos impactos ambientais na lagoa, não teria se quer aliança com o governo atual do município.

Dito isso, Antônio entendeu o propósito, e propôs uma parceria futura entre pesquisadora e ele com fins profissionais, de ofertar cursos, dar consultoria.

Como resultado da análise dos entrevistados, há de observar que a lagoa sofre sim alguns impactos ambientais, perceptíveis na qualidade da água, quantidade e desaparecimento de espécies de peixes e introdução de outras espécies, perda das matas ciliares, alteração no cotidiano das pessoas que antes tinham seu sustento da lagoa e agora precisam sair de seu lugar natal para ir em busca de algo melhor. Mesmo com esses impactos, a lagoa se mantém como um ponto turístico regional, mas que merece maior atenção do poder público para realização de estudos técnicos que possam investigar melhor os impactos, possibilidade de exigir limite de capacidade de carga e indicar medidas mitigadoras para isso.

## 4.2. PROPOSTA DE CURSOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ao longo de toda a história da humanidade, os seres humanos sempre utilizaram os recursos naturais, explorando sem preocupações futuras, no que poderia acontecer com as próximas gerações, e até mesmo com o próprio meio ambiente, causando grandes degradações em grandes áreas e poluição de rios e o ar.

Isso não é diferente da Lagoa do Bacuri e toda a área ao redor, quando se faz uma observação a olho nu, não é preciso entrevistar moradores para ter a visão completa do que de fato está acontecendo e quem são os agentes desse processo. É fácil identificar quais são os problemas existentes no local, e porque a própria população não se preocupou em cuidar desse ambiente, pois não se tem acesso à educação ambiental, foram criados com o pensamento de somente tirar da natureza.

Alguns moradores relataram que já tiveram ações tanto da prefeitura como da UFMA de São Luís, em relação a preservação da lagoa. Um dos projetos mais importantes foi o “Turismo Sustentável na comunidade do Bacuri: inclusão social na conservação da Lagoa do Bacuri, município de Magalhães de Almeida, estado do Maranhão” da UFMA em parceria com a FAPEMA em 2013, com objetivo de estimular a preservação da lagoa com a partir da prática do turismo responsável, que garanta a geração de emprego e renda a população local.

De início um projeto muito bonito, que geraria muitos benefícios a moradores e a própria lagoa, aprendendo a empreender no ramo turístico e proteger a lagoa, já que era está a finalidade, no entanto o projeto que seria a longo prazo, como os próprios moradores relataram que os responsáveis falaram no início que seria uma vinda constate, só esteve uma vez na comunidade. Os moradores contam que acharam o projeto muito importante para todos, mas que poderiam fazer isso mais vezes ao longo do ano, pois quanto mais conhecimento, melhor, e isso geraria uma maior conscientização na população local e turistas. Pesquisando mais afundo sobre o projeto, em sites, só encontram poucas informações sobre no site da FAPEMA, e resumos de artigos realizados com esta temática em eventos, além de uma cartilha sem muitas informações do projeto.

Analisando as entrevistas de todas as amostras, é unânime a preocupação de todos em ter ações como esta, a longo prazo com todos os agentes responsáveis, pois entendem que sem um apoio e conhecimento nada pode ser feito. Apesar de muitos moradores acreditarem que a lagoa está mais poluída por conta da vinda do turismo, há muito lixo doméstico nas margens e até mesmo na beira das estradas, e queimadas nas matas e fundo de quintais.

Considerando todos os fatores das entrevistas, observa-se que há uma necessidade de propor cursos de educação ambiental para a comunidade a fim de minimizar os impactos gerados pelos próprios moradores e também aos empresários para que haja uma preocupação maior com a destinação dos resíduos sólidos. Ao mesmo tempo, a prefeitura poderia realizar ações esporádicas, principalmente em períodos que mais recebem os visitantes, distribuindo material educativo, sacolas plásticas para guardar o lixo e passando informações de cunho educativo aos frequentadores.

É de suma importância introduzir a Educação Ambiental na base dos conhecimentos dos cidadãos, principalmente quando este lugar tem grande potencial turístico, além de promover uma boa qualidade de vida para moradores pode gerar emprego e renda e boa qualidade de serviços e produtos a turistas.

A UFMA juntamente com o curso de Turismo pode auxiliar neste processo de desenvolvimento do turismo de forma sustentável, ofertando cursos de educação ambiental, atendimento ao cliente, manuseio de alimentos e bebidas, entre outros, estreitando laços entre a comunidade acadêmica e a comunidade do Bacuri.

Os moradores precisam ter a conscientização da preservação e conservação do local, pois, o que antes era visto somente para extração, hoje é também visto para que as próximas gerações tenham a possibilidade de vivenciar. É necessário entender que ações irresponsáveis têm consequências catastróficas em relação a natureza. Assim, a universidade pode contribuir para manter esse laço com todos os agentes sociais de forma a pensar em ações estratégicas em prol da preservação da lagoa de forma a desenvolver seu grande potencial turístico, mas levando em consideração a comunidade que tem seu modo de vida atrelado a ela.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados da segunda metade do século XX, o meio ambiente teve grande valorização por meio da atividade turística, surgiram vários segmentos de turismo. O Ministério do Turismo entende que estes segmentos são uma forma de organizar o turismo, dando aos gestores um caminho para identificar quais segmentos cabem em determinado lugar e planeja-lo de forma que melhore a qualidade dos serviços. Um dos seguimentos que é mais ligado ao meio ambiente é o ecoturismo, que promove debates sobre proteção e conservação de determinado local a ser usado também pelo turismo.

O turismo vem crescendo como um fator de desenvolvimento também desde a última década, gerando emprego e renda, além de promover uma melhor qualidade de vida nas localidades. Cada segmento turístico tem suas qualidades únicas, que facilitam identificar dentro de uma área, é o caso do objeto de estudo, a Lagoa do Bacuri, que possui grande potencial para o turismo rural e ecoturismo. É fácil identificar, pois a lagoa tem uma paisagem única e espetacular, que garantiria aos turistas experiência única em contato com a natureza local, assim como o turismo rural, garantiria experiência em contato com o cotidiano da população, aprenderiam mais sobre a forma de viver dessas pessoas.

Mesmo que o turismo traga o desenvolvimento social, econômico e cultural, pode ser visto somente como um fator econômico, que geraria lucro para os empresários do ramo, causando conflitos socioambientais, se determinado área for somente usada sem planejamento adequado de carga ou como desenvolver um turismo sustentável, causa desconforto nos moradores que passam a ver o turismo como algo ruim, além de prejudicar a própria região e gerar impactos ambientais negativos.

Neste estudo, o principal objetivo era identificar o fenômeno turístico e os impactos ambientais na Lagoa do Bacuri sob a percepção dos agentes sociais que estão envolvidos diretamente com a localidade. Foi verificado que nas últimas décadas, a lagoa vem ganhando espaço na região como local turístico, embora a preferência por esse destino não tenha sido compreendida pelas entrevistas como de cunho ecológico, mas sim para fins de aproveitar momentos de lazer com a família e amigos. Com essa busca por espaços naturais e tranquilos na região, empreendedores começaram a montar locais no qual essas pessoas que hoje são clientes, pudessem passar o dia todo, além de desfrutar do banho na lagoa, desfrutar também de uma boa comida e bebida, e um local mais confortável.

Apesar de ser um local fora do perímetro urbano e estar em uma região marcada principalmente por aspectos da ruralidade, a Lagoa do Bacuri vem sofrendo com muitos impactos ambientais, causados não somente pelo processo de turistificação, mas por sua própria população, que deveria ser a primeira a cuidar e preservar para gerações futuras.

Por todo o trajeto, é possível observar lixo doméstico descartado de modo incorreto na beira de estradas e da lagoa, queimadas e retirada de areia da lagoa para construção civil, acarreta vários problemas, como qualidade da água, perda da fauna e flora aquática local, aquecimento global. Nos lugares de lazer, também é possível ver lixo jogado no chão, mesmo que haja lixeiras, as pessoas não tem consciência que esse pequeno ato pode trazer muitos problemas ambientais, não somente para moradores, mas também para futuros visitantes ali.

Além disso, do ponto de vista ambiental, não são somente ações pontuais que tem contribuído para a degradação do local. A região nas últimas décadas tem sofrido com a intensificação da sojicultura que demanda grande desmatamento da área para plantio, e uso de agrotóxicos, contaminando a vegetação, solo e lagoa. Uma área que serviria para plantio de subsistência para a população local, está sendo comprada por grandes empresários agropecuários, desencadeando problemas graves de saúde e prejuízo a natureza. Nestas áreas, como afirma Silva (2013) grande parte da fauna está comprometida, algumas espécies de animais já sumiram, os que sobrevivem a queimadas e desmatamento, ficam em uma pequena área com pouca alimentação, tendo que ir em busca de alimentos em regiões rurais, tornando-se presa fácil para caçadores.

No município de Magalhaes de Almeida – MA, território onde se localiza a lagoa, não se tem dados sobre tais problemas e, em tentativas com autoridades para entrevista, não se teve sucesso. A cidade sede é conhecida como a “princesinha” do Baixo Parnaíba, tem como atrativo o festejo do São Sebastiao e, nos dez dias de festejo, acontecem celebrações religiosas, e eventos culturais. No mês de julho conta com o Arraial Nossa Gente que é um grande festival junino, promovendo cultura e lazer para visitantes e moradores a noite, período em que a cidade fica lotada de turistas de toda a região e também não se tem dados oficiais de quantas pessoas visitam a cidade.

Durante o dia, os que estão na cidade procuram locais de banho como o balneário Férias e Lagunas Bar, que contam com uma infraestrutura de alimentos e bebidas. No entanto, também não se tem dados oficiais de quantos visitantes o local recebe aos finais de semana ou em períodos festivos. Com grande demanda de turistas, os empreendedores viram a necessidade de promover um melhor conforto e qualidade nesses locais. Observa-se que

nesses ambientes e ao seu redor, tudo é limpo, uma vez que o lixo é descartado no local adequado, mas sua destinação não é correta porque realizam a queima dos resíduos.

A partir da pesquisa realizada foi possível compreender que todas as partes, em maior ou menor grau, estão sim preocupados com o meio ambiente, mas na prática essas ações não são realizadas de forma a minimizar os impactos. Ações simples que poderiam contribuir para se ter um local, ao menos mais limpo, evitando a proliferação de insetos e contaminação da lagoa.

Verifica-se, portanto, que a Lagoa do Bacuri é um destino de importância turística regional, com um fluxo crescente de visitantes, mas que vem desenvolvendo suas atividades turísticas sem planejamento. Isso é preocupante, sobretudo, quando se lida com o meio ambiente, uma vez que alguns danos podem ser irreversíveis em longo prazo.

Em virtude dos fatos mencionados, defende-se que a educação ambiental pode ser um caminho para a conscientização tanto de moradores, quanto de empresários e turistas para o problema que incide sobre o local. É fundamental que estas pessoas tenham educação ambiental para que tenham atitudes certas em relação ao meio ambiente e passem isso a gerações futuras.

A discussão sobre essa problemática não se esgota com essa pesquisa, pois, como mencionado necessitam estudos técnicos para comprovar os danos sofridos na lagoa. No entanto, à luz do estudo, trazemos a percepção de grupos que frequentam o local a partir de diferentes interesses, mas que se convergem na busca de um local mais sustentável (em suas múltiplas conceituações) para frequentar/trabalhar/residir.

No momento em que vivemos em meio a uma pandemia que nos obriga a manter o isolamento, fica a sugestão para estudos futuros não tão distantes de promover ações de educação ambiental, não somente para a comunidade do Bacuri, bem como para todas as comunidades que vivem da lagoa, pois, é fundamental melhorar a qualidade de vida das pessoas aliada a preservação e conservação da natureza, seja ela local, região ou mundial.

## REFERÊNCIAS

AIRES, Carlos. Magalhães de Almeida repete sucesso no 23º Arraial Nossa Gente. **Blog Jornal a Notícia**, 2019. Disponível em: <https://blogjornalanoticia.com.br/magalhaes-de-almeida-repete-sucesso-no-23o-arraial-nossa-gente/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

ALMEIDA JUNIOR, Edivan Silva. **Lagoa do Bacuri, Magalhães de Almeida – MA: inter-relações das comunidades do entorno com a ecossistemas sob a ótica da sustentabilidade**. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade de Ecossistemas) – UFMA: São Luís, 2012.

ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1992.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do Turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BRASIL. Lei Federal nº6.938, de 31 de agosto de 1981. **Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências**. Brasília-DF, ago. 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6938compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6938compilada.htm). Acesso em: 13 nov. 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Unidades de conservação: o que são**. Brasília-DF, fev. 2020. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/o-que-sao.html>. Acesso em: 27 fev. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Livro Ecoturismo**. Disponível em: [http://p.download.uol.com.br/guiamaua/dt/Livro\\_Ecoturismo.pdf](http://p.download.uol.com.br/guiamaua/dt/Livro_Ecoturismo.pdf). Acesso em: 20 maio. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Livro Turismo Rural**. Disponível em: [http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Rural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf). Acesso em 19 maio. 2020.

CARVALHO, Romério. Fica a dica! **Portal Romério Carvalho**, 2015. Disponível em: <https://portalromeriocarvalho1.blogspot.com/2015/10/fica-dica.html>. Acesso em: 03 jul. 2020.

CARVALHO, Romério. Fotos do Início dos festejos de São Sebastião 2020 em Magalhães de Almeida. **Portal Romério Carvalho**, 2020. Disponível em: <https://portalromeriocarvalho1.blogspot.com/2020/01/fotos-do-inicio-dos-festejos-de-sao.html>. Acesso em: 05 jul. 2020.

COSTA, André. GLÁUCIA, Maristela. Duna do Pôr do Sol, em Jericoacoara, já perdeu metade de sua altura. **Diário do Nordeste**. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/duna-do-por-do-sol-em-jericoacoara-ja-perdeu-metade-de-sua-altura-1.2136252>. Acesso em: 06 maio. 2020.

CPRM – Serviço Geológico Brasileiro. **Mapa tectônico do Norte do Maranhão**. CPRM: Rio de Janeiro, 2013.

DREW, D. **Processos interativos homem – meio ambiente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DICIONÁRIO INFORMAL. Definição de impacto. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/impacto/>. Acesso em: 19 maio. 2020

DONATO, Jair. Homem e Natureza. Gazeta Digital. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/articulas/terca-feira/jair-donato/homem-e-natureza/495569>. Acesso em: 19 jun. 2020.

FEITOSA, Antônio Cordeiro; TROVÃO, Jose de Ribamar. **Atlas Escolar do Maranhão**. EDUFMA: São Luís, 2007.

GARCÊS, Eduardo. Iniciou neste domingo (03) o Festejo de Santo Antônio Padroeiro de Magalhães de Almeida. **Portal Rio Parnaíba**, 2018. Disponível em: <https://rioparnaiba.com/2018/06/04/iniciou-neste-domingo03-o-festejo-de-santo-antoniopadroeiro-de-magalhaes-de-almeida>. Acesso em: 03 jul. 2020.

GIBBS, Abraham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Kookman: Artmed, 2020.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. 2º ed. São Paulo: Nacional, 1969.

GOOGLE. Google Earth. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/MAGALHAES+DE+ALMEIDA>. Acesso em: 08 ago. 2020.

GOOGLE. Google Earth. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/MAGALHAES+DE+ALMEIDA>. Acesso em: 28 jun. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades – Magalhaes de Almeida**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/magalhaes+de+almeida>. Acesso em: 02 jul. 2020.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo – para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

LAGE, Beatriz Helena Gelas & MILONE, Paulo César (orgs.). **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. 376 p.

LIMA, D.; POZZOBON, JORGE. **Amazônia socioambiental: sustentabilidade ecológica e diversidade social**. 2005.

MACHADO, Flávia de Figueiredo. "Unidades de Conservação"; **Brasil Escola**. Disponível em: [https://s1.static.brasilecola.uol.com.br/img/2013/03/unidades-de-conservacao\(3\).jpg](https://s1.static.brasilecola.uol.com.br/img/2013/03/unidades-de-conservacao(3).jpg). Acesso em: 27 fev. 2020.

MENDONÇA, Gustavo Henrique. Queimadas. Mundo Educação. Disponível em: [Queimadas: causas, tipos, consequências, soluções - Mundo Educação \(uol.com.br\)](https://www.mundoeducacao.com.br/queimadas-causas-tipos-consequencias-solucoes/). Acesso em: 31 ago. 2021.

Montour Cap Vert. Turista ou visitante: Eis a questão! Disponível em: [A diferença entre "turista" e visitante – Montour Cap Vert](https://www.montourcapvert.com.br/turista-ou-visitante-eis-a-questao/). Acesso em: 31 ago. 2021.



MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 8° ed. São Paulo: Atlas, 2017.

OMT, Organização Mundial do Turismo. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Traduzido por: Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003. Tradução de: **Guide for Local Authorities on Developing Sustainable Tourism**.

Paroquia Santo Antônio. Multidão participa de encerramento da Peregrinação com a Mãe do Salvador. **Blog Spot**, 2012. Disponível em: <http://paroquiademagalhaes.blogspot.com/2012/06/multidao-participa-de-encerramento-da.html>. Acesso em: 05 jul. 2020.

PORTUGAL, Elizama da Silva. **Análise do potencial turístico de Magalhães de Almeida – MA**. UFMA: São Bernardo, 2019.

RABAHY, Wilson A. **Planejamento do Turismo**: Estudos Econômicos e Fundamentos Ecométricos. São Paulo: Loyola, 1990. 168 p.

REGINA FERRETI, Eliane. Turismo e Meio Ambiente: uma abordagem integrada. São Paulo: Roca, 2002.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. São Paulo: Papirus, 2000.

SÁNCHEZ, Luís Enrique. **Avaliação de impacto ambiental**: conceitos e métodos. São Paulo: Oficina de Textos. 2008.

SANTOS, Elizabeth da Conceição. Geografia, educação ambiental e complexidade frente aos desafios do mundo contemporâneo. **Revista GEONORTE**, edição especial. v. 4, n. 4, p. 155-174, 2012. Disponível em: [www.revistageonorte.ufam.edu.br](http://www.revistageonorte.ufam.edu.br). Acesso em: 05 nov. 2019.

SILVA, Antônio Carlos da. **Perfil socioambiental do município de Magalhães de Almeida**. UFMA: São Luís, 2013.

SILVA, Luci. Quem são os ecoturistas? Disponível em: <https://www.cpt.com.br/noticias/quem-sao-os-ecoturistas>. Acesso em: 28 fev. 2020.

SWARBROOKE, John. Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental. São Paulo: Aleph, 2002.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COMUNIDADE

**1- Gênero:**

( ) Feminino ( ) Masculino

**2- Faixa etária**

( ) 20 a 30

( ) 31 a 40

( ) 41 a 50

( ) Maior que 50

**3- Quanto tempo mora no Bacuri?**

---

**4- Qual a sua profissão atualmente?**

**5- Você percebeu alguma diferença na qualidade da lagoa do bacuri nos últimos 10 anos? Qual?**

( ) Não ( ) Sim -

---

**6- Você considera a Lagoa do Bacuri um ponto turístico da cidade? Por que?**

**7- Você sabe o que é impacto ambiental?**

**8- Você consegue perceber algum impacto ambiental no povoado? Quais?**

( ) Não ( ) Sim

---

**9- Você acha que isso poderia ter sido evitado? Como?**

**10- Você acha que a população local tem envolvimento nesses impactos ou os turistas?**

**11- Você acha que a vinda de turistas pode ser positiva ou negativa para o local? Como?**

**12- Você acredita que o local de banho poderia ser melhor usado pela população?**

**13- De que forma você usa a lagoa?**

banho

pesca

lazer

outro

**14- Você acha importante ter algum curso de educação ambiental para a população?**

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO TURISTAS/VISITANTES

### 1- Gênero

Feminino                       Masculino

### 2- Faixa etária

- Menos de 20 anos  
 21 – 30  
 31 – 40  
 41 – 50  
 Mais de 50

### 3- Qual a cidade que você reside?

---

### 4- Onde está hospedado?

- Casa de parentes/amigos  
 Pousada/hotel  
 Em lugar nenhum, só vim passar o dia na lagoa

### 5- Com que frequência você visita a Lagoa do Bacuri?

- Diariamente  
 Várias vezes por semana  
 Uma vez por semana  
 1 vez por mês  
 Visitei apenas uma vez

### 6- Com quem você costuma vir a lagoa?

- amigos  
 parentes  
 sozinho

### 7- Você gostou do local?

Sim     Não                      Por quê?

---

### 8- Voltaria mais vezes?

Sim     Não

### 9- O que mais lhe motivou a vir a lagoa?

- beleza natural  
 infraestrutura de lazer  
 indicação de amigos  
 outros

### 10- Sobre possibilidade da realização de atividades na Lagoa, quais delas você acha que seria interessante ofertar?

- trilhas, caminhadas  
 palestras de educação ambiental  
 passeios de barco  
 pesca esportiva  
 bicicleta aquática  
 tirolesa  
 shows

### 11- Qual é a sua satisfação geral com a limpeza do local de banho?

- Péssimo  
 Ruim



## **APÊNDICE C - QUESTIONARIO EMPREENDEDORES**

### **1- Gênero**

( ) feminino    ( ) masculino

### **2- Faixa etária**

( ) 20 a 30

( ) 31 a 40

( ) 41 a 50

( ) mais de 50

### **3- Qual a sua cidade de origem?**

---

### **4- Qual é o tipo do seu empreendimento?**

( ) restaurante

( ) pousada/hotel

( ) outro

### **5- Quanto tempo tem esse empreendimento?**

### **6- Por que escolheu este tipo de empreendimento?**

### **7- Quais as principais dificuldades que você enfrenta no seu empreendimento?**

### **8- Qual a importância da Lagoa do Bacuri para o seu empreendimento?**

### **9- Na sua opinião, a Lagoa é o maior ponto turístico de Magalhães de Almeida?**

### **10- Você sabe o que é impacto ambiental?**

### **11- Você acha que seu empreendimento pode causar danos ambientais no local?**